

O Comércio Brasil-Estados Unidos e a Conquista de Novos Mercados

VASCO RIBEIRO DA COSTA

"A segurança do Hemisfério e das Nações Americanas não repousa unicamente no poderio militar e econômico dos Estados Unidos da América, mas sim na força que resultar da maior compreensão e aproximação dos nossos povos".

O AUTOR

INTRODUÇÃO

Ao estudarmos o comércio internacional nos seus múltiplos aspectos, aprendemos pela «Teoria, das Vantagens Comparativas», que mesmo quando dois países situados em latitudes diferentes podem produzir mercadorias e bens de consumo idênticos, há muitas vantagens na especialização em produzir certas mercadorias, estabelecendo a troca dos seus produtos por outros que não estejam em condições de colocar em produção permanente. Assim sendo, torna-se necessária a procura de zonas apropriadas entre êsses países a fim de intensificar o seu intercâmbio e desenvolver a especialização.

Se um determinado país, melhor aparelhado e com sua economia perfeitamente equilibrada, pode produzir mercadorias especializadas com menores inversões do que outro, diz-se que aquêle possui "uma vantagem absoluta" na produção e êste "uma desvantagem absoluta". Se, entretanto, ocorrem certas diferenças "relativas" na produção de várias mercadorias nos dois países, aquêle que estiver em desvantagem absoluta, obterá "uma vantagem comparativa" na produção de mercadorias e bens de consumo e na qual seja relativamente *menos ineficiente*. Por outro lado, terá uma "desvantagem comparativa" quando produzir mercadorias e bens de consumo, nas quais seja relativamente *mais ineficiente*. Reciprocamente, se o país «A» estiver em vantagem absoluta na sua capacidade de produção, terá de especializar-se a fim de que sua vantagem absoluta seja comparativamente *maior*, e procurar no país "B" mercadorias e bens de consumo nos quais sua vantagem absoluta esteja em situação comparativamente *menor*.

Vamos tentar a compreensão da teoria com um exemplo prático que, a propósito, nos ocorre no momento.

Nas grandes metrópoles, acentuadamente nas capitais brasileiras, há pessoas que, embora possuam profissões definidas, vivem mais de trabalhos

diferentes do que das suas especialidades efetivas. Conheço dois irmãos, cujas vidas podem ilustrar a teoria citada: um deles «A» é mecânico experiente de automóveis em geral, mas prefere dirigir auto de praça, profissão para a qual é, comprovadamente, inábil dado ao seu sistema nervoso bastante alterado; o outro «B» muito calmo e excelente motorista, mas incompetente em mecânica, não pode estar na sua habilitação preferida e para a qual é o indicado, visto não dispor de automóvel. Pergunta-se: não seria mais interessante que «A» continuasse especializando-se na mecânica e cedesse a «B» o seu auto para trabalhar na praça? Não está ele perdendo tempo no volante do automóvel, quando poderia dedicar-se inteiramente à sua profissão *melhor* remunerada e onde sua «vantagem comparativa» é grande, para ficar estático numa função na qual possui uma *vantagem absoluta*, em comparação com as habilitações do seu irmão, mas cuja *vantagem relativa* é menor? Situemo-nos agora do lado contrário, isto é, de «B», excelente motorista de auto e atualmente desempregado. Ele possui *desvantagem absoluta* nas atividades de mecânico e motorista: na primeira porque não conhece, como o irmão, a mecânica em alto grau, e na segunda porque não tem automóvel para trabalhar na praça; sua *desvantagem relativa* é menor como motorista, possuindo, no entanto, uma *vantagem comparativa* no volante de um automóvel de praça, em relação ao seu irmão mecânico que lhe toma o lugar. A diferença é, pois, menor entre sua impossibilidade de motorista e a habilidade do seu irmão nesta profissão, do que a diferença entre a sua nenhuma prática em mecânica e a competência do seu irmão nesta mesma atividade.

Cremos ter atingido nosso objetivo com o exemplo acima.

Transportemo-nos agora para o comércio exterior do Brasil com os países do mundo, especialmente o nosso maior comprador, os Estados Unidos da América.

O Brasil, em relação aos Estados Unidos, faz o papel do irmão desempregado que tem habilitações extraordinárias, mas não pode exercê-las integralmente porque é privado do seu elemento de trabalho. O elemento neste caso é o crédito amplo e a longo prazo, que lhe proporcione os recursos para pleno emprêgo, e, conseqüentemente, sair do subdesenvolvimento. Não há dúvida que temos recebido substancial ajuda técnica e econômica dos Estados Unidos da América, mas em relação aos países da Europa, que foram arrasados pela guerra, êsse auxílio reverteu com juros. Já com os países reconstruídos pelos norte-americanos, a política seguida foi aquela muito bem definida por um financista, que afirmou: "Foi melhor ter emprestado e perdido do que nunca ter emprestado". De fato, devemos louvar o espírito altamente filantrópico que norteou a reconstrução da Europa, cujos frutos já se podem divisar em termos de segurança para os Estados Unidos da América e para o Mundo. Sempre admiramos e enaltecemos êsse grande povo que se sacrificou, para ajudar aos povos inimigos de ontem e aliados de hoje. Nunca poderemos esquecer o generoso sangue derramado nas duas Guerras Mundiais e na Coréia. O mundo deve muito à Nação Norte-Americana e a ela credita o período de paz que está desfrutando.

Há efetivamente nos Estados Unidos da América uma preocupação muito acentuada com o trato dos problemas de desenvolvimento econômico brasileiro

e um estudo relacionando as possibilidades de intensificar o nosso comércio com a Nação Norte-Americana está em andamento. É um bom indício que só nos poderá trazer mais confiança numa política bem equacionada sobre o futuro econômico do Brasil no setor das exportações.

É nossa suposição de que os Estados Unidos procurarão suprir-se de produtos brasileiros num futuro muito próximo, não só dos que vem eventualmente importando, mas daqueles que irá necessariamente precisar. As nossas condições geográficas atuam poderosamente na intensificação das relações comerciais entre os dois países tradicionalmente amigos.

Quanto aos países da Europa, é de toda conveniência que se comece desde já um estudo das conseqüências que a criação e funcionamento do mercado comum europeu poderão acarretar sobre as relações comerciais entre o Brasil e os Estados Unidos.

Por outro ângulo devemos nós, brasileiros, tudo fazer para que os norte-americanos, importadores e comerciantes, conheçam as potencialidades da exportação brasileira, pois teremos de ampliar o nosso comércio internacional por uma imposição natural de país novo que quer e deve lançar fundamentos sólidos para o seu desenvolvimento econômico.

E' preciso que os norte-americanos estudem conjuntamente com os nossos economistas e homens de negócios as modalidades de transações com os produtos e também o problema da elasticidade-preço a fim de que possam afastar essa elasticidade perversa que persegue os produtos de origem brasileira e, mais geralmente, os da América Latina. Não se pretende aqui pedir o impossível, pois todos sabemos que as flutuações cíclicas da economia norte-americana são resultantes de baixa nas atividades comerciais dos negócios, cujos efeitos agem sobre as rendas em dólares do Brasil. Seria insensato advogarmos uma política de estocagem de produtos brasileiros na indústria norte-americana apenas para nosso benefício. E' preferível vender pouco e em ritmo constante do que nada vender, mesmo porque, nas relações comerciais de qualquer tipo, a um decréscimo de consumo correspondem imediatas medidas de proteção ao produto doméstico — o que é compreensível. Neste ponto temos uma vantagem apreciável porque os produtos brasileiros atualmente exportados para os Estados Unidos não competem com a produção interna daquela nação, representando para nós uma garantia relativa. Essa garantia relativa poderá, no entanto, ser eliminada pelas novas técnicas no preparo de substitutos, que prejudicarão as exportações dos nossos produtos principais. O exemplo do café solúvel, a síntese de cristais piezo-elétricos e muitos outros estão bem presentes para serem subestimados.

Se pesquisarmos as relações comerciais entre o Brasil e os Estados Unidos, verificamos que os produtos primários sempre estiveram presentes na composição das importações norte-americanas. Os produtos não manufaturados mantêm, ainda hoje, o primeiro lugar com cerca de 50% do valor total das importações do mercado. Contudo, o Brasil tem perdido a posição relativa do seu principal gerador de divisas — o café — pelos reflexos da entrada no mercado norte-americano da Colômbia, Guatemala e outros países que estão produzindo café tipo exportação. O fenômeno se estende não só ao Brasil, mas também a toda a América Latina, excluindo-se apenas a Vene-

zuela que tem aumentado sua exportação de petróleo para os Estados Unidos.

Vejamos os dados abaixo, relativos à composição percentual das exportações brasileiras para o mercado norte-americano, tendo em vista os principais grupos de mercadorias, no último triênio.

PRODUTOS	Valor %		
	1954	1955	1956
Gêneros alimentícios (inclusive cacau e café)	90,63	88,08	88,44
Produtos animais não-comestíveis	1,21	1,49	1,39
Produtos vegetais não-comestíveis	3,94	4,20	2,93
Fibras e tecidos	0,73	1,42	1,52
Madeiras	0,29	0,28	0,20
Minerais não-metálicos	0,63	0,77	0,64
Minérios em metais	2,27	3,33	4,21
Produtos químicos	0,19	0,27	0,31
Total %	99,89	99,84	99,64

Fonte: Statistical Reports, World Trade Info Service U. S. Dept. of Commerce Part 3, n.º 57-34.

Nota-se a diminuição quase constante dessa percentagem, demonstrando um retraimento das nossas exportações. Ainda é a mesma fonte citada que

nos fornece outro quadro representativo, em percentagem, do valor das exportações brasileiras dos dois únicos produtos que produziram em média, nos últimos cinco anos, 86,73% das receitas brasileiras nos Estados Unidos.

PRODUTOS	Valor %		
	1954	1955	1956
Café	79,92	77,22	81,12
Cacau e derivados	9,77	8,59	5,68

A dependência das nossas rendas em dólares da exportação desses dois únicos produtos alimentares é a prova mais segura de que precisamos urgentemente diversificar a produção e, em consequência, procurar o aumento de exportação para um mercado no qual estamos perdendo gradativamente uma posição que diminui, enquanto o mercado cresce. Isto quer dizer que a velocidade das vendas dos produtos de origem não brasileira já está passando à nossa frente no mercado norte-americano.

Resta-nos, assim, corrigir, pela qualidade das nossas exportações, essa anomalia. E o meio mais sensato é, obviamente, incentivar a produção de mercadorias cuja qualidade e preços atraiam os importadores e os convençam de que é um bom negócio comerciar conosco. Cabe aos nossos administradores estabelecer um programa destinado a melhorar gradativamente a eficiência da produção e intensificar a produção de minerais e produtos florestais para reconquistar sua verdadeira posição no mercado dos Estados Unidos e também no comércio internacional.

Não poderemos, porém, atingir os objetivos que nos impõe o comércio mundial, se os planos de melhoria nos transportes não forem atacados imediatamente, como primeira urgência. E' animador verificarmos que esse problema tem caminhado celeremente, com o apoio do Governo, ao estabelecer o Plano Quinquenal de Obras Rodoviárias Federais. Os efeitos futuros sobre as exportações podem ser avaliados em termos de projeção dos nossos produtos no mercado mundial. Sabemos, entretanto, que será difícil manter um ritmo constante nas exportações porque teremos de enfrentar a competição dos excedentes norte-americanos acumulados após o término da II Guerra Mundial. E' evidente que os Estados Unidos não prejudicarão o seu comércio

normal desses mesmos produtos; para isso estabeleceram um programa de colocação de excedentes que só lhes tem trazido benefícios.

Quanto à participação dos produtos brasileiros no mercado mundial, dependerá de vários fatores de ordem interna, isto é, da crescente industrialização doméstica que exigirá compensações adequadas para o produto exportado.

Devemos, assim, planejar e reestruturar a nossa economia, analisar o mercado exterior e oferecer produtos que correspondam integralmente aos desejos do consumidor, não só em qualidade, mas também em capacidade competitiva de preço, garantia de suprimento e produção variada.

O Brasil está em condições de participar mais ativamente do comércio internacional e, conforme vimos nas páginas anteriores, ninguém lhe poderá negar o direito de conquistar novos mercados para os seus produtos.

Passemos agora ao exame desses produtos principais de exportação.

1ª PARTE

Dividiremos o estudo em três partes, que julgamos essenciais :

- a) *Produtos agrícolas*
- b) *Minérios*
- c) *Petróleo*

1 — CAFÉ

Quando pensamos em produtos agrícolas, não se incluem todos, pois, os Estados Unidos estão gradativamente dependendo menos desses produtos não só do Brasil, como da América Latina; por outro lado, a própria concorrência norte-americana nos mercados internacionais, para alguns produtos brasileiros, deverá ser levada em conta. O Brasil e a América Latina não poderão enfrentar a competição dos excedentes agrícolas acumulados pelos Estados Unidos, ao término da II Guerra Mundial, já que terão de colocá-los no exterior, sem prejuízos para o seu comércio normal, como frisamos. É lógico que assim procedam, embora a preços menores; é preferível vender o estoque acumulado, a baixo preço, do que perdê-lo quase na totalidade. A própria América Latina está se tornando um mercado considerável para produtos agrícolas como, por exemplo, trigo, arroz, banha, laticínios e frutas, pela expansão crescente da sua população que, juntamente com a rápida industrialização, acarretaria maior demanda por esses produtos. Quanto às matérias-primas de origem asiática e africana, supomos que, por motivos estratégicos e econômicos, os norte-americanos preferirão importá-las quase na sua totalidade. Logo, não poderá a América Latina pensar na colocação integral dos seus produtos, ressaltando-se, obviamente, o café brasileiro e o colombiano de boa qualidade para bebida. Neste ponto não devemos temer a concorrência africana e asiática, por ora. Há indícios de que a invasão do café africano na Europa poderá desencadear uma séria luta competitiva ao nosso principal produto. Existe ainda o perigo de "mistura de aromas" que está se espalhando rapidamente, com o rótulo de café, entre os países menos avisados. Mas vejamos a situação dos nossos concorrentes. Segundo o relatório técnico que o Conselho Nacional de Economia está analisando, há efetivamente uma

concorrência ao café brasileiro, embora muitos importadores europeus prefiram o nosso produto. Outros mais exigentes alegam que não estão muito entusiasmados em maior vulto de compra pelo fato de parte do café brasileiro não corresponder às amostras; preferem o "ruim barato" ao "ruim caro"... como é evidente, dentro da competição de preços e de paladares ainda não acostumados com a nossa bebida. Se houvéssemos desenvolvido no passado uma política de conquista dos consumidores, mesmo a preços sem competição, hoje não estaríamos vendo a derrocada que se aproxima. O relatório menciona uma observação que julgamos de grande importância: o café indonésio e sua entrada no mercado italiano pela metade do preço do Santos. Isto quer dizer que a Europa, através da Itália do Norte, está bebendo um café de gosto desagradável pela mistura com os cafés inferiores da África. Vemos, assim, mais um mercado semiperdido e cuja reconquista será possível somente com uma nova e mais enérgica política de preços e propaganda intensiva. Devemos, portanto, estimular a preparação e apresentação do café, objetivando essencial e unicamente a qualidade e não a quantidade.

A Índia também iniciou sua propaganda nos países da Cortina de Ferro e, em consequência, há notícias de que a Alemanha Oriental e a Rússia já estão adquirindo o café indiano. E' mais um concorrente na luta pela conquista desses mercados. Temos vendido café para a Polônia e a Tcheco-Eslováquia, mas tudo indica haver o café da Índia entrado também nesses dois países e, se não tomarmos nossas precauções, conquistará outros nos quais ainda estamos. Basta observar a estatística da Alemanha Ocidental em que figura o Brasil com apenas 10,73% no 1º trimestre de 1958, do total de 663.150 sacas originárias dos países centro-americanos. O que nos tem valido nessa área é a qualidade do café brasileiro, pois os alemães, dinamarqueses, suecos e noruegueses não apreciam o café africano do tipo "Robusta".

QUADRO DEMONSTRATIVO DA EXPORTAÇÃO DE
CAFÉ BRASILEIRO, EM GRÃO, EM 1956:

Quantidade (t)	Valor Cr\$ 1.000
16.804.794	37.710.370

Maior comprador: Estados Unidos.

2 — CACAU

Quando estudamos o cacau, temos de observar que o seu consumo é indireto e a sua demanda é inelástica nos países consumidores. Ao escrevermos consumo indireto, a explicação é de que a maior parte do consumo se faz através de doces e produtos nos quais entra com a maior parte o cacau. Ora, é lógico que a qualquer manifestação de aumento de preço, os fabricantes diminuem a quantidade de manteiga de cacau empregada. Quem conheceu os saborosos produtos de fábrica de chocolates de Vitória, Espírito

Santo, pode hoje constatar esta afirmativa. O aumento de preço, por quilo, de bombons veio diminuir o tamanho do produto, camadas mais finas nos chocolates recheados, embora o gosto permanecesse mais ou menos o mesmo.

Também nesse produto, precisa o Brasil apurar a sua qualidade, aumentar a exportação e estimular o consumo interno, pois há tendências acentuadas para a substituição da manteiga de cacau por óleos de côco e manteiga de origem animal; experiências com óleos de caroço de algodão e soja, tentam conseguir êsse mesmo efeito.

Torna-se, assim, imperioso conquistar o mercado externo pela qualidade, inaugurando uma política sadia nesse sentido. Se andarmos depressa, é possível cobrir com o nosso cacau o *deficit* da produção africana neste ano que, segundo nos informa uma publicação das Nações Unidas, será de 17% relativamente à sua exportação para os Estados Unidos; êsse *deficit* tende a aumentar nos próximos anos pelo acréscimo populacional do Continente Negro e pelas condições climáticas que têm afetado a produção em escala ascensional. Mas é preciso prever, também, uma reação nos próximos anos, já que o cacau africano é forte concorrente no mercado mundial. Qualquer tentativa de nossos exportadores no sentido de aumentar a produção será benéfica, pelo menos nos próximos anos.

Afirma-se com absoluta segurança que a região cacaueira da Bahia tem diminuído a sua exportação pela falta de um porto aparelhado convenientemente. Injunções políticas e interesses de grupos econômicos estão dificultando a instalação e o reaparelhamento do porto de Ilhéus, o único que poderia escoar a produção de maior importância econômica para a Bahia e, conseqüentemente, para o Brasil.

Se isto é uma verdade, os poderes públicos têm de resolver mais êsse problema de transporte sob pena de perdermos o mercado de cacau, que representa parcela ponderável na economia nacional.

QUADRO DEMONSTRATIVO DA EXPORTAÇÃO
BRASILEIRA DE CACAU, INCLUSIVE EM AMÊN-
DOAS, PASTA OU MASSA, EM 1956:

Quantidade (t)	Valor Cr\$ 1.000
126.656	2.886.513

Maior comprador: Estados Unidos.

3 — OUTROS PRODUTOS AGRÍCOLAS

Faremos um estudo sucinto das possibilidades que nos oferecem os produtos agrícolas brasileiros, em relação à sua entrada nos mercados mundiais.

Entre os produtos mais apreciados nos países europeus e também muito acentuado nos Estados Unidos, vamos encontrar as castanhas-do-pará e de

caju. Embora tenhamos exportado em 1955 apenas 6.088 toneladas de castanha comestível e 7.677 toneladas de castanha para extração de óleo, tudo nos faz crer que haverá crescimento de exportação, proporcionando maior remuneração aos Estados produtores do Norte do país. O nosso maior concorrente nos Estados Unidos é a Índia, que apresenta um produto de boa qualidade, talvez superior ao nosso. Entretanto, poderemos incentivar os nossos produtores na procura de outros mercados e entrar na competição com uma qualidade melhorada. Há regiões do Norte que podem fazer isso, basta estimular os plantadores.

a) *Laranjas* — Não podemos competir com os Estados Unidos quanto a essa notável fruta. Os nossos compradores são a Argentina, França e Inglaterra. Não se compreende que tenhamos baixado em área cultivada, existindo bons mercados para o produto. Assim, conforme vemos no Anuário Estatístico do Brasil — 1956, tínhamos em 1940, 124.589 hectares de área cultivada, e em 1956, 79.358!... onde se conclui que, ou o mercado doméstico se desinteressou pelo fruto, ou nada se fez para conquistar novos mercados exteriores. Os países sul-americanos, alguns europeus e o Oriente Próximo apreciam laranjas de boa qualidade. São, pois, mais sâreas a serem conquistadas e que não podemos desprezar.

QUADRO DEMONSTRATIVO DA EXPORTAÇÃO
DE LARANJA, EM 1956

Quantidade (t)	Valor Cr\$ 1.000
1.224.797	184.329

Maior comprador: França.

b) *Erva-mate* — Não temos, por enquanto, mercado definido na América do Norte. Os Estados Unidos consomem chá da Índia, de procedência asiática em grandes quantidades, o mesmo acontecendo com a Inglaterra e alguns países europeus. Exportamos quase que exclusivamente para a Argentina e o Uruguai, em ritmo lento. Se o Instituto Nacional do Mate adotar uma política de propaganda, através dos nossos escritórios comerciais, embaixadas e representações diplomáticas, será possível introduzir essa bebida não somente em áreas novas, como também em toda a América do Sul. Os norte-americanos aqui no Brasil apreciam o mate sob a forma de refrigerante gelado. Seria o caso de oferecer às embaixadas estrangeiras no Brasil, a título de propaganda, mate preparado a fim de despertar-lhes o interesse. E o meio mais prático, a nosso ver, é a forma do produto "solúvel" a exemplo do que se vem fazendo com o café entre nós. Na área européia, devíamos tentar sua introdução na França e dali para os outros países. O Instituto do Mate deverá desenvolver mais ainda o seu excelente trabalho de divulgação do produto, despertando o entusiasmo de novos mercados externos.

QUADRO DEMONSTRATIVO DA EXPORTAÇÃO
BRASILEIRA DE MATE E CHÁ, EM 1956

Quantidade (t)	Valor Cr\$ 1.000
58.041	769.932

Maior comprador: Uruguai.

c) *Bananas* — O abandono quase total da nossa produção é um desses acontecimentos difíceis de compreender. O preço e a revenda estão fazendo desaparecer o produto.

E' sabido que os Estados Unidos não nos compram bananas porque ainda não se acostumaram às nossas variedades; os consumidores norte-americanos desconhecem, na sua quase totalidade, os vários tipos que podemos produzir, alguns deles superiores aos seus tradicionais fornecedores. E' um mercado incerto a conquistar pela dificuldade na apresentação do produto e por não termos capacidade de transporte em grande escala, pela concorrência dos produtores centro-americanos que estão mais próximos e com menos custo de produção e colocação, e finalmente pela resistência dos compradores dado ao alto custo de lançamento do produto.

Estas são as perspectivas quanto à banana brasileira e sua colocação no mercado norte-americano.

Relativamente à Europa, podemos pensar inicialmente em Portugal como ponto de apoio. Se pudermos contar com o seu auxílio, seria vantajoso iniciar a apresentação do produto aos países europeus.

QUADRO DEMONSTRATIVO DA EXPORTAÇÃO
BRASILEIRA DE BANANA, EM 1956

Quantidade (t)	Valor Cr\$ 1.000
9.403.084	584.483

Maior comprador: Argentina.

4 — ÓLEOS INDUSTRIAIS E COMESTÍVEIS

A procura cada vez maior de óleos industriais no Brasil acarretou a diminuição do babaçu exportável a partir de 1951. É uma consequência normal da nossa rápida industrialização. Entretanto, a produção de mamona, óleo de côco, óleo de palma e outros continua em ritmo ascendente desde 1938, incluindo-se a notável soja e semente de oiticica.

Acreditamos constituir uma razoável fonte de divisas o incremento da produção e exportação desses óleos. Na área européia poderemos introduzir grandes quantidades de óleos industriais, tendo em vista que haverá demanda mundial do produto.

Resta-nos, então, aumentar e incentivar a produção de óleos industriais, não só para o consumo doméstico, como também para uma eventual colocação no mercado externo.

O incremento do plantio de sementes oleaginosas em novas áreas do Nordeste brasileiro poderá suplementar as quantidades de copra e óleo de côco que os Estados Unidos importam da Ásia.

Além desse mercado certo, devemos nos lembrar que os óleos industriais têm poucas fontes de abastecimento aos países importadores. Ora, se a exportação diminui em um país produtor — como é o caso do Brasil —, os compradores buscam novas fontes ou procuram substitutos no seu próprio mercado doméstico para certas espécies de óleos industriais. Esse procedimento, aliás comum no comércio exterior, causa flutuações de preços, concorrendo grandemente para afetar a distribuição mundial dos suprimentos desse produto.

QUADRO DEMONSTRATIVO DA EXPORTAÇÃO
BRASILEIRA DE ÓLEOS INDUSTRIAIS.
EM 1956

Quantidade (t) —	Valor Cr\$ 1.000
30.191	480.748

Maior comprador: Estados Unidos.

Dentro dos próximos 10 anos continuaremos auto-suficientes em óleos comestíveis, permanecendo sem flutuações sensíveis o consumo *per capita*. Essa situação se efetivará, se o produto não aumentar do preço. Neste caso, haverá, como é óbvio, um recuo na demanda, obrigando o Governo a importar óleos a preços mais baixos do que o produzido no Brasil. É uma situação que deve ser evitada a todo custo pelo incremento da produção interna, uma vez que será possível a atração do capital estrangeiro para, juntamente com o nacional, desenvolver esse ramo. Ainda não podemos exportar para novos mercados, porque o óleo comestível é também utilizado na indústria do sabão já em pleno desenvolvimento no país. Não deixa de ser, entretanto, uma

futura fonte de divisas, se fôr convenientemente incrementado o seu fabrico para exportação na área econômica da América do Sul, inicialmente, e depois para a Europa e Estados Unidos.

a) *Óleo de Carço de Algodão* — Embora em melhores condições como alimento, está sendo o óleo de caroço de algodão afastado do mercado interno pelo óleo de amendoim. Tal fato se verifica pela verdadeira invasão das terras que se destinavam ao plantio do algodão e hoje estão sendo ocupadas pelo amendoim. Desde 1948 não mais exportamos o produto para os Estados Unidos e, em 1951, caiu a zero a exportação em geral. Ficamos, assim, na contingência de ter de importar óleo refinado dos Estados Unidos, conforme consta do Acôrdio para a compra de excedentes agrícolas assinado em 31 de dezembro de 1956. Claro está que abandonamos o aproveitamento do excelente óleo de caroço de algodão nacional para exportar. E' satisfatório reconhecer, contudo, que o consumo interno tem absorvido a totalidade da produção, uma vez que êsse produto é de melhor aceitação pelas donas de casa, ao invés do seu similar de amendoim. Há mesmo dietistas que aconselham o uso do óleo de caroço de algodão para confecção de alimentos, visto melhor adaptar-se às condições do nosso clima.

b) *Óleo de Amendoim* — O principal fator no aumento da produção do óleo de amendoim foi o seu alto preço que atingiu em abril de 1957, Cr\$ 320,00 por saca de 25 kg; nesse mesmo mês, em 1956, o preço estava entre Cr\$ 170 e 180,00. Analisando o fenômeno, verificamos que a mesma maquinaria, utilizada para produzir óleo de caroço de algodão, foi adaptada, sem nenhuma despesa, ao amendoim. A incrementação do seu plantio, em melhores condições que o algodão, influiu poderosamente para afastar o seu concorrente do mercado interno, já que apresentou preços menores. Estima-se em quase o dôbro a área cultivada para a produção do amendoim, dando, em 1958, uma elevação possivelmente maior do que a verificada em 1957. Quanto à exportação dêsse produto não temos ainda uma possível área de consumo, tanto nos Estados Unidos como na Europa. O mercado doméstico absorverá nos próximos anos tôda a produção interna.

QUADRO DEMONSTRATIVO DA EXPORTAÇÃO
BRASILEIRA DE AMENDOIM (PARA
PRODUÇÃO DE ÓLEO), EM 1956

Quantidade (t)	Valor Cr\$ 1.000
893	8.172

Maior comprador: França.

c) *Óleo de Soja* — Também o óleo de soja tem feito concorrência ao óleo de caroço de algodão no consumo interno. Entretanto, a produção ainda não atingiu um nível satisfatório, mesmo porque o brasileiro em geral

não se acostumou a essa nova espécie de óleo. Quanto ao feijão-soja, de inegável qualidades alimentícias e produzindo em qualquer clima e latitude, tem se desenvolvido melhor pela procura doméstica em certas regiões do país. Com referência à exportação, temos na Alemanha e no Japão, os principais compradores. Se desenvolvermos a procura de novos mercados na área européia, tudo indica ser possível colocar o excelente produto, não só sob a forma de bagas, como de óleo e farinha de soja.

QUADRO DEMONSTRATIVO DA EXPORTAÇÃO
BRASILEIRA DE SOJA (EM FAVAS PARA
PRODUÇÃO DE ÓLEO E OUTROS
FINS), EM 1956

Quantidade (t)	Valor Cr\$ 1.000
41.483	197.292

Maior comprador: Noruegã.

— Óleo de Mamona — E' um dos nossos melhores geradores de divisas, embora o consumo doméstico tenha crescido substancialmente em consonância com o nosso progresso industrial. Os Estados Unidos são os nossos maiores compradores de bagas, pois seu território não produz mamona. Com a concessão de uma taxa tarifária menor, isto é, $\frac{1}{4}$ de centavo por libra em vez de $\frac{1}{2}$ centavo, o produto brasileiro adquiriu nova expressão naquele mercado consumidor.

A mamona é de fácil produção e apenas as dificuldades de transporte nos tem impedido de aumentar a exportação e mesmo conquistar novos mercados na área européia.

Sobre a sua importância econômica, basta consultar as publicações especializadas da União Sul-Africana para então verificarmos o interesse despertado naquela região pelo cultivo intensivo da mamona. Empresas norte-americanas e européias estão pesquisando condições ecológicas por meio de estações experimentais e já introduziram sementes selecionadas para produção intensiva.

Em nosso hemisfério não é menor o programa de implantação de novas culturas e o Conselho Nacional de Pesquisas do Ministério da Agricultura indica um grande surto de cultura mamoneira em Costa Rica, Nicarágua, Guatemala, El Salvador, Honduras e, principalmente, no México.

Competindo com o Brasil no comércio internacional de baga e óleo, aparece a Índia. E essa concorrência tem seus reflexos na baixa do preço em dólar do produto pelo seu baixo custo de mão-de-obra. Se as nossas autoridades governamentais fizerem previsões de impostos de exportação da

mamona, é indubitavelmente certo que a Índia reduzirá o seu imposto de exportação sobre o óleo, a não ser que acôrdos nesse sentido sejam concluídos para solucionar o problema da competição e da saturação dos mercados importadores.

Essa demanda internacional pela mamona se justifica nas várias aplicações industriais do óleo, não só como sucedâneo do óleo de tungue — que ainda não produzimos em quantidades suficientes —, como também na produção de plásticos, perfumaria, fibras sintéticas, farmacologia e muitas outras.

EXPORTAÇÃO BRASILEIRA DE MAMONA
EM 1956 (ÓLEO)

Quantidade (t)	Valor Cr\$ 1.000
20.092	303.322

Maior comprador: Estados Unidos.

e) *Óleo de Côco* — O aumento sempre crescente da área cultivada e da produção do óleo de côco poderá proporcionar bons mercados não só nos países nossos tradicionais compradores, como também em novos mercados consumidores. O consumo doméstico tem impedido, em grande parte, incremento da exportação, o que se explica pelo aproveitamento do produto para alimento. O óleo de côco é forte concorrente da "copra" no mercado norte-americano e poderá no futuro substituir aquele.

f) *Óleo de Tungue* — E' ainda pouco conhecido; o óleo de tungue se origina de sementes ricas em óleo próprio para tintas e outros fins industriais.

A China era, antes da II Guerra Mundial, fornecedora quase exclusiva de óleo de tungue aos Estados Unidos. No período compreendido entre 1941 e o fim da guerra, os norte-americanos produziram para consumo doméstico mais ou menos 9 milhões de libras, para atingir as cifras de 43 milhões de libras nos anos de 1952 e 1953. Em 1957, entretanto, baixou a produção para 35 milhões de libras, não sendo suficiente para as exigências da indústria.

A Argentina e o Paraguai forneceram grandes quantidades de óleo de tungue e tudo indica que os Estados Unidos continuarão a importar, não só daqueles países como do Brasil. Mas, não podemos apenas exportar para esse mercado mesmo porque sua produção interna já atinge 99 milhões de toneladas disponíveis e, segundo se supõe, a estocagem poderá paralisar a importação. Resta-nos, assim, procurar outras áreas. A Europa deverá, nos próximos anos, procurar importar o óleo de tungue, já que a União Soviética absorverá a produção chinesa na sua totalidade, inclusive a dos países sob seu contrôlo.

5 — ALGODÃO

Concorrer com os Estados Unidos no mercado mundial de algodão não nos parece uma medida sensata. Os excedentes norte-americanos à disposição do comprador, a preços compensadores, afastam qualquer tentativa nesse sentido. Teríamos evidentemente de reconquistar antigos mercados não somente na própria América do Sul, como também na Europa. A Alemanha Ocidental poderá constituir um futuro mercado, pois conhece o produto brasileiro, o mesmo acontecendo com os países escandinavos e a própria Inglaterra. Temos de melhorar as condições de exportação, pois o algodão produzido no Norte do país é tão bom quanto o do Egito e se poderia exportar o produto em forma de fio fino ao invés de algodão bruto.

A nossa posição no mercado externo é incipiente, depois de exercer o algodão quase completo domínio do mercado mundial. Se pesquisarmos as causas da decadência da cotonicultura no Brasil, não será difícil concluirmos pela afirmativa feita acima: os excedentes norte-americanos.

O algodão está, no momento, sustentado apenas pelo mercado interno. Os seus subprodutos, tais como o óleo comestível e a torta para forragem, têm mantido o preço que proporciona aos produtores uma compensação apenas relativa. Urge, portanto, reiniciar uma nova política de produção algodoeira se quisermos, no futuro, voltar ao mercado externo com a mesma disposição que nos animou num passado não muito remoto.

QUADRO DEMONSTRATIVO DA EXPORTAÇÃO
BRASILEIRA DE ALGODÃO, INCLUSIVE OS
«LINTERS», RAMA OU PLUMA
E RESÍDUOS, EM 1956

Quantidade (t)	Valor Cr\$ 1.000
159.824	3.809.844

Maior comprador: Japão.

6 — SISAL

Entre os nossos produtos de exportação o sisal figura em posição bastante sensível quanto ao seu volume no mercado externo. Conquanto haja sido agravado o seu valor devido aos preços baixos, a exportação vem crescendo regularmente.

Oriundo das regiões semi-áridas do Nordeste brasileiro, oferece grandes vantagens de aproveitamento pelas várias aplicações na indústria.

Quanto às possibilidades de colocá-lo em novos mercados, torna-se necessário selecionar aqueles que utilizam a fibra nas suas aplicações industriais, como na fiação, cordoaria, sacaria, etc., além de um eventual aproveitamento na fabricação do papel.

Por outro lado, poderíamos conquistar mercados, não com a matéria-prima bruta, mas em forma de produtos semibeneficiados pela industrialização no próprio local de produção.

Como sacaria, poderá o sisal resolver o problema do consumo doméstico substituindo os tecidos de juta, além de entrar no estrangeiro como produto nacional de ótima qualidade.

QUADRO DEMONSTRATIVO DA EXPORTAÇÃO
BRASILEIRA DE SISAL, EM 1956

Quantidade (t)	Valor Cr\$ 1.000
106.503	869.461

Maior comprador : Estados Unidos.

7 — MADEIRAS

O Canadá tem suprido quase todo o mercado mundial de madeiras; fornece em grande escala aos Estados Unidos, principalmente em madeiras para construção.

Quanto às nossas possibilidades, embora remotas, de aumentar as nossas exportações de pinho-do-paraná, madeira de lei, cedro, pau-rosa, não se apresentam com bons prognósticos, pela crescente demanda interna, também em face da industrialização. Poderíamos, entretanto, vender madeiras especiais, como por exemplo o mogno de grande aceitação no mercado, não só dos Estados Unidos, como no mundial. O mogno é encontrado na América Central, cuja produção está declinando visivelmente. O Brasil poderá produzir quantidades substanciais e conquistar o mercado se procurar o mogno na bacia superior do Rio Amazonas.

QUADRO DEMONSTRATIVO DA EXPORTAÇÃO
BRASILEIRA DE MADEIRA DE CONSTRUÇÃO,
EM 1956

Quantidade (t)	Valor Cr\$ 1.000
385.799	1.526.056

Maior comprador : Argentina.

8 — FUMO

Embora sejamos um excelente mercado para a indústria de cigarros norte-americanos, estamos competindo, por incrível que pareça, com os Estados Unidos no mercado mundial, em folhas de fumo curadas para fabricação de cigarros. O fumo para charutos, que a Indonésia fornecia, está decrescendo em produção, dando aos exportadores brasileiros uma oportunidade de fazerem subir o seu volume de exportação e mesmo conquistar novos e mais compensadores mercados. A folha de tabaco defumada ("fluecured") é a mais promissora esperança de uma relativa hegemonia do nosso produto no mercado externo, juntamente com a melhoria de qualidade do fumo para cigarros de fabricação doméstica.

A Europa Ocidental sempre foi o nosso maior importador de fumo, entretanto, notamos uma certa diminuição desde 1953, presumindo-se que a queda na qualidade houvesse contribuído substancialmente para isso. A fim de reconquistarmos esse grande mercado, bem como as áreas da América Latina, que nos compravam em grandes quantidades, é necessário, senão urgente, melhorar a qualidade do produto. O competidor asiático poderá interferir no mercado num futuro muito mais próximo do que pensamos.

Para têmos uma idéia dessa flutuação nas nossas exportações de folhas de fumo tiramos os seguintes dados nos anos de 1954 e 1955.

EXPORTAÇÃO EM TONELADAS

ANOS	Para os Estados Unidos	Globais
1954	486	27.409
1955	1.535	27.425

Fonte : Anuário Estatístico de 1956.

O quadro acima vem demonstrar que, se melhorarmos a qualidade do nosso fumo, poderemos reconquistar não só os mercados perdidos como também interessar novos compradores europeus e asiáticos.

QUADRO DEMONSTRATIVO DA EXPORTAÇÃO
BRASILEIRA DE FUMO, EM 1956

Quantidade (t)	Valor Cr\$ 1.000
30.392	1.042.622

Maior comprador: Holanda.

9 — BABAÇU

Constituiu, no passado, uma grande esperança para o Brasil, em relação ao seu comprador certo, os Estados Unidos. Entretanto, não há, aparentemente, uma causa positiva que explique o seu afastamento daquele mercado. A única válvula que encontramos seria a concorrência estrangeira e o aumento do consumo interno pelo incremento da sua industrialização. Embora os Estados Unidos nos tivessem concedido isenção de direitos aduaneiros, em consequência do Tratado de Comércio assinado em 1935 com o Brasil, o estímulo verificado não foi o que se esperava. O mercado interno continuou em ascensão e as exportações caíram verticalmente.

As maiores concentrações de babaçu ficam no Estado do Maranhão (mapa n. 1) representando uma área de 48.000 km². Os Estados do Amazonas, Pará, Piauí, Ceará, Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo, Mato Grosso e Goiás produzem babaçu e, segundo os dados disponíveis, entre 1920 a 1950, o total produzido atingiu a 74.794 toneladas.

Torna-se necessário reconquistar o mercado norte-americano. Para isso, há que estabelecer meios de aumentar e melhorar a produção do babaçu. Um dos caminhos é substituir o regime de extrativismo por processos de agricultura organizados. Explicamos: o adensamento da palmeira é o principal fator de concorrência entre ela e muitas deixam de frutificar. As grandes áreas, com bilhões de palmeiras que os cálculos nos fornecem não correspondem às previsões justamente pelo fator adensamento. Explorando, assim, o Maranhão, cerca de 10 milhões de palmeiras, sua safra anual é da ordem de 50 mil toneladas, donde se deduz que há excesso de planta e pouca correspondência em fruta.

O meio de corrigir essa anomalia é desbastar as matas e rarear a vegetação, de modo que se possam espalhar as palmeiras, digamos, mais ou menos 160 pés por hectare. Isto feito, havendo espaço de terra e ar, será

possível conseguir-se 8 a 12 kg por pé, ao invés de 5 kg, como atualmente ocorre.

A nossa produção deverá ser suficiente para a demanda interna, nos anos de 1958 a 1959. Mas, a colocação e procura de novos mercados na área europeia deve ser uma preocupação constante.

Mapa nº 1

BABAÇU

DISTRIBUIÇÃO DA PRODUÇÃO POR ESTADOS

1950



10 — SÊDA NATURAL

Muitos países do hemisfério ocidental não produzem sêda natural em condições econômicas tais que assegurem competição com o produto brasileiro. Como na melhor época das nossas possibilidades, nada fizemos para incrementar as exportações, perdemos o mercado certo norte-americano. Êles, com a premente necessidade da defesa nacional, enveredaram pelos produtos sintéticos como o nylon, o rayon e outros acetatos. Em 1955 conseguimos ainda vender aos Estados Unidos 1.060 toneladas de sêda natural, mas, nos anos seguintes o rayon superou as importações. Supomos ser muito difícil reconquistar não só êsse mercado, mas também outros. A nossa produção doméstica deverá suprir o mercado interno e, se possível, competir com os substitutos de origem estrangeira.

11 — CARNE ENLATADA

E' uma indústria promissora para exportação. Entretanto, ainda não se conseguiu estabilizar o preço interno, sem a interferência do governo através da COFAP. Efetivamente, se folhearmos o Anuário Estatístico do Brasil, de 1956, encontramos o seguinte quadro quanto à exportação de carne de boi enlatada:

ANOS	Para os Estados Unidos	Para outros países	Total Exportado
1953	396	386	782
1954	58	17	75
1955	1.788	1.665	2.453

Os dados acima traduzem a possibilidade de aumentarmos a produção doméstica, primeiro para equilibrar os preços, tornando-os mais acessíveis às bôlsas menos favorecidas, e depois iniciarmos a exportação. No futuro talvez constitua uma grande fonte de divisas, mas no presente, não pode competir com o concorrente estrangeiro melhor aparelhado.

QUADRO DEMONSTRATIVO DA EXPORTAÇÃO
BRASILEIRA DE CARNE (ENLATADA E CON-
GELADA), EM 1956

Quantidade (t)	Valor Cr\$ 1.000
10.955	322.088

Maior comprador : União Belgo-Luxemburguesa.

12 — BORRACHA

O mercado doméstico de borracha vem se ressentindo de sua falta desde 1950, obrigando os consumidores à importação a fim de não paralisarem suas indústrias com o conseqüente desemprego nas fábricas de artefatos.

A possibilidade de poderem os seringais silvestres sustentar a recuperação e o equilíbrio no mercado interno é muito remota e não oferece, atualmente, nenhuma consistência econômica. Fala-se muito numa nova "batalha da borracha", de iniciativa privada e na qual se procederia a novo repovoamento dos seringais não só por nordestinos acostumados a essa espécie de trabalho, como também por imigrantes selecionados. Para consecução desse objetivo, torna-se indispensável, como primeira urgência, o saneamento das regiões produtoras que, no período de 1942-1945, não atingiram os índices de segurança requeridos para a permanência dos homens que ali se estabeleceram.

Nos próximos 10 anos teremos ainda de importar borracha para cobrir o *deficit* estimado pela Comissão Executiva de Defesa da Borracha. Tal procedimento não exclui, todavia, as vantagens da implantação, pela Petrobrás, de uma fábrica de elastômero, cuja produção estará em plena atividade até 1962. Por outro ângulo, não se deverá descuidar do plantio de seringueiras em número suficiente para garantir a indústria automobilística nacional já em promissor desenvolvimento no país. É necessário que se coordenem os problemas dos seringais nativos e os relacionem com a borracha sintética, resultando uma apreciável economia de divisas. Devemos ter bem presente a velocidade de crescimento de veículos no mercado interno que tenderá a elevar-se, dentro dos estímulos salutareos do GEIA.

Há que procurar uma fórmula pela qual o Banco da Amazônia fomenta novas plantações de seringueiras não só na região do vale amazônico, como em outras áreas comprovadamente boas e acessíveis nos Estados de São Paulo, Bahia e Mato Grosso. Esta deve ser a orientação a seguir, para não cairmos na contingência de fabricar automóveis e caminhões e não haver

borracha para calçá-los... E não resta a menor dúvida que isso irá causar ao sistema rodoviário do país prejuízos desastrosos e influirão diretamente nos problemas de escoamento da produção na rede interna e para os portos de embarque.

13 — ARTIGOS MANUFATURADOS

Não nos é possível concorrer com os Estados Unidos em qualquer mercado, no mundo. Seus artigos manufaturados conseguiram uma posição invejável, não só pela qualidade como pela facilidade de apresentação e incentivos de propaganda. Efetivamente, hoje não prescindimos desses artigos, embora tenhamos capacidade para, no futuro, igualar pelo menos essa característica primordial: a qualidade.

Se ocorreu um pequeno aumento em nossas exportações, desses artigos, foi devido à guerra, e assim mesmo incluindo-nos no total de 14% das importações totais norte-americanas de toda a América Latina. Os poucos artigos que conseguiram permanecer no mercado tiveram de entrar em regime competitivo no preço e na qualidade. Serviu-nos, entretanto, como medida para aferir o nível do mercado norte-americano e daí partir para os outros mercados na Europa.

2.^a PARTE

MÍNÉRIOS

A opinião geral quanto à substituição do café pelo minério, no comércio exterior, é de que aquele produto até então gerador principal de divisas, jamais poderá ser superado pelos produtos minerais. Entretanto, conforme temos tido oportunidade de observar, os acontecimentos mundiais, não somente na esfera política — que não nos interessa —, mas na econômica, orientam o nosso estudo a prever as possibilidades futuras de exportação para o nosso minério. As potencialidades imensas da produção brasileira, notadamente de minérios de ferro, manganês, zinco e bauxita, podem assegurar uma expansão considerável, se conseguirmos resolver os problemas dos transportes internos e externos. Por outro lado, as instalações necessárias ao aumento da produção e as indispensáveis facilidades portuárias estão exigindo uma política de vulto a fim de levá-las a bom termo. Se esses principais e inadiáveis problemas de ordem física forem prontamente atacados e com determinação resolvidos, será possível cobrir uma grande parte das nossas perdas em divisas ocasionadas pela queda na exportação do café nos últimos anos. Essas perspectivas não são, porém, muito próximas, pois sabemos que as dificuldades se acumulam pela própria deficiência do comércio exterior brasileiro. Por isso não nos aliviaremos, em termos de balanço de pagamentos, com a atual exportação de minérios. Se, entretanto, houver por parte dos importadores maior interesse na procura dos minérios brasileiros, principalmente em volfrâmio, columbita-tantalita e outras ligas de ferro, produtos esses em regime competitivo no mercado internacional, poderemos pensar em que, até 1960, a situação cambial venha a melhorar consideravelmente.

É oportuno recordar que os Estados Unidos, tradicionalmente compradores dos nossos produtos de exportação, têm interesse na continuação desse ritmo ascendente, em função da sua própria defesa, pois disso depende, em grande parte, a política de impedir a geração e o desenvolvimento de formas totalitárias que procuram conquistar os latino-americanos através de uma concorrência econômica. Se os norte-americanos enfraquecerem, por qualquer forma, as correntes do seu comércio com a América Latina, estarão diminuindo a capacidade de defesa do hemisfério. Esta é uma verdade histórica que não pode ser contestada, porque muitas repúblicas latino-americanas — notadamente o Brasil —, têm a sua estabilidade econômica e política vinculada ao mercado norte-americano para seus produtos de importação. Os próprios dirigentes da grande nação reconhecem esse fato e, se alguns pretendem negá-lo, é por absoluta ausência de um estudo mais profundo e detalhado das relações comerciais e dos assuntos latino-americanos.

É, portanto, de maior interesse para os Estados Unidos, a manutenção da auto-suficiência do hemisfério ocidental. Os investimentos que fizerem incidirão diretamente na defesa nacional e na segurança de suas relações mais estreitas com os países da América do Sul.

Passaremos agora a examinar os diversos minérios brasileiros, que estarão na pauta provável de maior incremento das exportações para os Estados Unidos e para novos mercados internacionais.

Esclarecemos que nos ocupamos apenas dos principais minérios responsáveis pelo nosso comércio com a grande nação norte-americana e, por outro lado, examinaremos as possibilidades de colocá-los em outras áreas, sem contudo, prejudicarem o mercado doméstico.

Bauxita

A evidente importância das nossas reservas de bauxita (192 milhões de toneladas atualmente conhecidas) torna o Brasil um potencial supridor do mercado de exportação não só para os Estados Unidos, como para outros países em demanda do produto.

Embora tenhamos de enfrentar fortes concorrentes, como Costa d'Ouro, Jamaica, Haiti, Guianas e as recentes descobertas na área do Caribe, o minério brasileiro apresenta um teor mais rico e em melhores condições de produção, notadamente no Nordeste, onde será possível encontrar energia e mão-de-obra mais baratas e perto dos grandes depósitos que ali existem.

Como sabemos, o aumento substancial na demanda de alumínio pela indústria moderna, para manufatura de abrasivos, refratários, produtos químicos e em grande escala na construção de aviões, além de entrar como substituto do aço e do ferro, do cobre e do estanho, em variados usos na indústria, poderá determinar uma procura de grandes proporções no mercado internacional nos próximos anos. Os Estados Unidos e outros países terão de aumentar as suas importações de bauxita, não só do Brasil, como da América Latina, pelo simples fato de estar o produto em níveis de preços competitivos, já que as reservas norte-americanas exigem, para seu aproveitamento intensivo, investimentos não proporcionais à remuneração desejada.

Nestas condições o alumínio exportável do Brasil terá considerável participação na indústria mundial, mesmo que o consumo doméstico absorva grande parte da produção, em face do desenvolvimento que se vislumbra para a nossa indústria.

Berilo

A indústria atômica, no seu pleno desenvolvimento em quase todos os países do mundo, deverá utilizar, dentro de poucos anos, grandes quantidades de berilo. Se outros substitutos não forem descobertos, a demanda se tornará bem acentuada no mercado internacional. Os Estados Unidos, por exemplo, a despeito de suas grandes reservas, dependem de importação do minério para suplenento de suas necessidades atuais no programa da defesa continental. Por outro lado as importações se apresentam em melhores condições econômicas do que o aproveitamento dessas reservas, já pelo baixo teor de minério, já pela grande soma de investimentos requerida. Como vemos no quadro abaixo, a produção entre 1950 e 1954 e o consumo nesse mesmo período acusam o seguinte:

PRODUÇÃO			CONSUMO		
1950		toneladas			toneladas
a	2.494		6.645		
1954		curtas			curtas

Fonte: U. S. Bureau of Mines e Statistical Abstract of the United States.

Ora, se os Estados Unidos que são os nossos mais certos compradores, **nos garantirem um mercado compensador**, é óbvio que devemos desenvolver, ao máximo possível, a mineração dêsse metal. Em 1950 a nossa exportação para aquele país foi de 2.543 toneladas compreendendo 54% do total importado. Mesmo assim, ainda não conseguimos maiores êxitos porque o nosso consumo doméstico deve ter influído na queda mais ou menos acentuada das exportações do minério. É preciso então que incentivemos a produção para poder manter um ritmo constante nas exportações, sem comprometer, porém, o nosso desenvolvimento industrial. Há outras fontes supridoras do mercado mundial, como a África, a Índia e a Argentina, que poderão concorrer com o berilo de origem brasileira, mas ainda não constituem ameaça, pelo menos nos próximos anos, se desenvolvermos e interessarmos os mineradores.

Para isso acontecer, seria viável que o capital privado entrasse juntamente com o capital estrangeiro norte-americano de preferência no programa de construção de fábricas no Brasil, nos termos da recente Conferência Internacional de Investimentos, realizada em Belo Horizonte em junho de 1958.

A França e a Grã-Bretanha, além de outros países da área européia, serão nossos compradores certos, se a nossa capacidade de exportar o minério for efetiva, isto é, condicionada às exigências desses novos mercados a conquistar.

Cobalto

A nossa produção de cobalto ainda não está em condições de alcançar o mercado internacional. Embora os Estados Unidos produzam algum, as suas necessidades obrigam a procura do metal no Congo Belga, Uganda, Rodésia do Norte e Marrocos Francês. O Congo Belga, com suas grandes reservas, poderá assumir o controle do mercado num futuro próximo, se condições excepcionais internas não influírem diretamente na produção. Como o cobalto do Canadá está condicionado à sua produção de níquel e cobre, tudo indica que os Estados Unidos procurarão obter esse valioso elemento no Brasil ou em outros países da América Latina.

Quanto a nós, temos a dificuldade do aperfeiçoamento dos processos metalúrgicos, pois, a ocorrência do metal é associada com os minérios óxido de níquel e manganês e, ainda, nos silicatos de níquel. Assim, nos próximos anos poderemos conseguir algum progresso nas exportações, se nossas jazidas forem exploradas convenientemente. É uma grande oportunidade que não devemos desprezar, embora tenhamos a certeza de que somente com a ajuda do capital estrangeiro e de sua técnica possamos desenvolver esses projetos.

Cobre

O Brasil já exportou em pequena escala para os Estados Unidos. Entretanto, a África conseguiu, já em 1954, aumentar suas exportações e cobrir o mercado norte-americano, bem como influir poderosamente no mercado mundial. Isto quer dizer que a procura está sendo equilibrada pela oferta. Se, porém, ocorrer uma variação brusca na procura, será difícil aumentar a produção, pelas dificuldades que apresenta a exploração do metal.

O alumínio tem assumido as condições de substituto do cobre em várias aplicações. Não quer dizer, porém, que venha a superá-lo. Os Estados Unidos não sofrerão muito no caso de perderem os seus fornecedores, pois a sua produção doméstica, embora insuficiente para suas necessidades, pode receber auxílio desses mesmos substitutos. Entretanto, o Brasil encontrará, no mercado norte-americano, boa colocação para o cobre que puder produzir. O desenvolvimento da indústria brasileira deve, contudo, absorver quantidades do metal e somente a produção será capaz de superar as eventuais exigências de uma demanda bastante acentuada, como se poderá prever.

Columbita-tantalita

Os Estados Unidos importavam o metal do Congo Belga e da Nigéria, pelo fato de sua produção não atingir nem 1% das exigências do seu crescente consumo. Os incentivos para novas descobertas de jazidas no território norte-americano aumentou substancialmente, não só pelas dificuldades de substitutos, como também pelas aplicações na indústria moderna. Acresce ainda a posição geográfica de seus fornecedores que onera o produto e na

eventualidade de uma possível variação do fornecimento para novos compradores mais próximos, como poderá acontecer, os importadores norte-americanos terão de procurar outras fontes na América Latina.

O Brasil possui todos os requisitos para conquistar o mercado norte-americano. As suas grandes reservas de minério de tantalita de alto teor, se exploradas convenientemente, estarão em condições de suprir as deficiências do mercado mundial e, em relação aos Estados Unidos, cobrir as suas necessidades mais imediatas.

Quanto à columbita, sua maior aplicação é nas ligas de colúmbio resistentes às altas temperatura e usadas nos aviões a jacto, foguetes, turbinas a gás e muitos equipamentos e aparelhos.

Segundo os dados de Anuário Estatístico do Brasil de 1956, obtivemos o seguinte quadro:

METAL	1955 (em toneladas)	
	PRODUÇÃO	EXPORTAÇÃO
Columbita	77	108
Tantalita	*	58

(*) os dados do Anuário não indicam a quantidade produzida.

Em 1956, exportamos para os Estados Unidos 124.360 kg de columbita-tantalita. A Alemanha Ocidental adquiriu-nos apenas 25.100 kg do minério, o que representa um novo mercado a conquistar. Temos grandes reservas desse minério e, com a técnica e novos métodos a serem adotados na prospecção, é muito provável que a columbita-tantalita assuma apreciável posição no mercado mundial. A era dos foguetes e a demanda de materiais resistentes a altas temperaturas está indicando o caminho e o futuro das nossas jazidas.

Cromita

Os norte-americanos importam cromita da Rodésia do Sul, União Sul-Africana, Turquia e Filipinas, a fim de completar o seu consumo interno.

O Brasil ainda não conseguiu uma posição apreciável como exportador desse minério nem para os Estados Unidos e nem para a Europa. Temos, na Bahia, grandes depósitos localizados a mais ou menos 320 km do porto de Salvador, porém, as dificuldades de transporte interno e o pouco interesse do capital particular pelo minério têm prejudicado a sua exploração. O arrendamento de jazidas e capitais estrangeiros seria de grande vantagem, se o

Governo e capitais nativos entrassem com uma parcela garantidora da exploração. A indústria do aço e a indústria química, que se desenvolvem em ritmo seguro, utilizariam boa parte da produção e não há dúvida de que haveria possibilidade de exportar quantidades substanciais não só para os Estados Unidos como também para a Alemanha Ocidental e outros países europeus. O valor estratégico da cromita poderá abrir as portas de um futuro mercado mundial a preços competitivos com os atuais produtores.

O mercado dos Estados Unidos recebe cromita de Cuba por intermédio de companhias norte-americanas que ali exploram as grandes reservas. Toda a produção é inteiramente absorvida e tudo indica que o consumo exigirá maiores quantidades de outras origens. O Brasil poderá concorrer com o seu minério se as condições físicas de transporte forem resolvidas, mesmo com o auxílio de capitais mistos.

Diamantes industriais

Apesar de estarem os nossos principais compradores procurando produzir substitutos e desenvolvendo novos meios de pesquisa sem utilização do diamante industrial, a demanda continua aumentando. Nos Estados Unidos o consumo atingiu a 70% do consumo mundial a partir de 1935. O Brasil, pela sua privilegiada posição geográfica em relação aos Estados Unidos, deveria, obviamente, constituir o seu principal fornecedor. Entretanto, um poderoso cartel internacional, cujas garras controlam a venda e distribuição de diamantes industriais e gemas, impede maior expansão do nosso comércio nesse setor. Embora o Brasil seja praticamente livre desse monopólio, não conseguiu ainda uma posição vantajosa para os seus diamantes industriais. Em 1956, a Inglaterra nos comprou 3.259 quilates métricos de diamantes brutos, o que não representa a nossa capacidade real de fornecimento.

Estanho

Não exportamos estanho para os Estados Unidos. O mercado norte-americano supre os seus consumidores com o estanho asiático e o boliviano. Além dessas fontes, o estanho recuperado pela notável indústria de aproveitamento de resíduos e os substitutos têm diminuído consideravelmente a demanda. Outro aspecto que teremos forçosamente de observar, com relação ao produtor asiático, é a vulnerabilidade política daquela região e os problemas que a distância implica. Em consequência, os norte-americanos não poderão contar por muito tempo ainda com os seus tradicionais fornecedores. Quanto à Bolívia, também grande produtora, alguns fatores de ordem interna, como os altos custos de produção, altitudes dos depósitos, veios irregulares no subsolo e a complexidade do minério, além de condições de trabalho nas minas particularmente difíceis — prejudicam a sua posição no mercado mundial.

Os Estados Unidos estão deficientes quanto à sua produção doméstica de estanho, mas continuam nos seus esforços para reduzir ao mínimo as dependências da importação. Apesar disso, terão forçosamente de procurar compensação para sua indústria latoeira, nas ofertas dos países produtores.

Quanto às possibilidades brasileiras de exportação, não se apresentam animadoras pela crescente demanda do mercado doméstico de lataria. As nos-

sas reservas estão orçadas em 8.212 toneladas, conforme sondagens realizadas em 1953 na região de São João Del Rei, Minas Gerais. Em prospecções feitas mais tarde, foi constatado que os depósitos se apresentavam consideravelmente maiores.

Se a industrialização do estanho cobrir integralmente o consumo doméstico brasileiro, será possível, dentro dos próximos anos, conquistar êsse metal novos mercados nas áreas européias e mesmo asiáticas, além de atrair consumidores nos Estados Unidos.

Minério de Ferro

A indústria do aço mundial tem provado que o minério de ferro é ainda um fator contínuo de demanda.

Para melhor exemplificarmos a afirmativa, passemos a estudar as condições do nosso principal comprador, isto é, o mercado norte-americano. A produção dos Estados Unidos atinge a 26% do minério de ferro mundial, mas a sua poderosa indústria ainda depende de importação para cobrir as necessidades do consumo. Tanto assim é que em 1955 importou 23.476 milhares de toneladas longas, segundo nos informa o Department of Commerce pelo Bureau of Consus.

A posição geográfica do Canadá, com suas jazidas de alto teor recentemente descobertas, tem favorecido a descentralização da indústria do aço norte-americano que procura se afastar da costa oriental do seu território. Além dêsse fornecedor próximo, desenvolvem e exploram jazidas na Venezuela e na Libéria, pela alta qualidade do minério e seus preços competitivos.

Quanto ao Brasil, tivemos a soma de 2.744.862 de toneladas exportadas em 1956, o que representa um aumento apreciável em relação a 1950 que foi de 890.125 toneladas. Dêsses totais exportados, podemos afirmar que 90% foram destinados aos Estados Unidos da América.

Quanto às nossas reservas exploráveis, se conseguirmos resolver os problemas dos transportes e outros de interesse doméstico, há motivos para prevermos um grande aumento nas exportações. Os mais recentes cálculos avaliam muito além de 30 bilhões de toneladas, com o teor de 45 a 70% de ferro, as jazidas de Minas Gerais, no chamado "quadrilátero ferrífero". Em outros Estados do Brasil há ocorrência do minério com características idênticas ao encontrado no Estado montanhês.

Os esforços do Governo no sentido de solucionar os meios de transporte, desenvolver as facilidades de escoamento portuárias, melhorar e unificar o sistema de transporte ferroviário, capacitar o transporte marítimo para receber a tonelagem de minério essencial à nossa exportação — poderão triplicar o volume da tonelagem de 1956 exportada para o exterior. Esta, convém lembrar, é uma das metas governamentais até 1962.

Por outro lado, seria econômico para a Nação investir, juntamente com o capital estrangeiro, somas adequadas à solução dos referidos problemas que estrangulam a nossa exportação de minério de ferro, antecipando, dessa forma, o aumento das exportações para novos mercados. A facilidade de transporte

acarretará melhores preços no comércio internacional e poderemos então conquistar novas áreas para colocação do tremendo potencial em fase de exploração, sem comprometer o consumo doméstico.

A qualidade do nosso minério, aliada a novas técnicas industriais, está em condições de produzir aços finos e ligas metálicas de grande valor na indústria automobilística e em outras de interesse imediato para o Brasil.

QUADRO DEMONSTRATIVO DA EXPORTAÇÃO
BRASILEIRA DE MINÉRIO DE FERRO, EM 196

QUANTIDADE (t)	VALOR: Cr\$ 1.000
2.744.862	1.781.416

Maior comprador: Estados Unidos.

Manganês

O manganês forneceu ao Brasil, de janeiro a novembro de 1957, uma receita, orçada em dólares, de US\$ 38.766.000,00, correspondendo à exportação de 823.000 toneladas. Estes números são bastante significativos, quando observamos as futuras possibilidades do mercado importador.

As crescentes necessidades dos Estados Unidos estão conduzindo a indústria norte-americana a procurar recuperação do manganês contido na escória do aço. Se, em futuro não muito distante, conseguirem os técnicos metalúrgicos daquele país esse objetivo, deixarão de adquirir cerca de 50% do minério nas fontes produtoras. O Brasil é o principal e o mais permanente fornecedor de manganês aos Estados Unidos e mesmo que a hipótese formulada acima se concretize, continuaremos a sustentar a maior parte do consumo norte-americano, pela qualidade de alto teor do nosso minério.

Quanto à nossa participação no mercado internacional, dependerá naturalmente do consumo que a nossa siderurgia, em franca expansão, possa exigir. A montagem de novas usinas para o Vale do Rio Doce ou para a região do minério de ferro em Minas Gerais, bem como os segundo e terceiro altos-fornos de Volta Redonda, absorverão maiores quantidades de manganês, que talvez esgotem as reservas de Minas Gerais. Entretanto, recentes prospecções em outros pontos do território brasileiro têm assinalado ocorrência de manganês de teor entre 35% a 40%, que poderão garantir o aumento dessas reservas. Os depósitos do Amapá e Urucum em Mato Grosso podem totalizar 600.000 toneladas exportáveis anualmente, sem a solicitação do consumo interno. As facilidades de transporte para o exterior são bem maio-

res daqueles pontos do que para o interior. Se estudarmos o trajeto do minério saído de Urucum, verificamos que, embora tenha de seguir pelos rios Paraguai e Paraná até o território uruguaio, onde é embarcado em navios de grande tonelagem, este percurso pela parte sul do Brasil é o meio mais econômico, já que os fretes da Estrada de Ferro Noroeste acarretam preços excessivamente altos. O único inconveniente é a vazante dos rios que às vezes não permite o transporte em plena carga em mais ou menos 4 meses durante o ano. Já no Amapá isso não ocorre porque a empresa "Indústria e Comércio de Minérios S.A." (ICOMIC) encontrou apenas 220 quilômetros entre as jazidas e a margem esquerda do Rio Amazonas. Construiu uma estrada-de-ferro moderna, de grande capacidade de tráfego, ligando os afloramentos da Serra do Navio ao porto de embarque, também por ela instalada no Rio Amazonas, solucionando integralmente o problema.

Dêse rápido estudo concluímos que é acertada a instalação de Usinas Siderúrgicas próximas das fontes de minério, para suprir o consumo doméstico, liberando as jazidas mais acessíveis aos compradores estrangeiros. Este proceder é perfeitamente compreensível porque não podemos prever as variações do comércio internacional, com a muito provável e quase certa volta do minério soviético ao mercado mundial. A Rússia é o maior produtor de minério de manganês do mundo e seus depósitos com mais de 140 quilômetros de território, com reservas de 175 milhões de toneladas, cujas qualidades atingem 47 a 52% de manganês, poderão constituir sério concorrente. É, portanto, muito necessário que os Estados Unidos e outros países da Europa Ocidental procurem no Brasil e na América Latina os seus suprimentos e estimulem um programa a longo prazo destinado ao desenvolvimento e exploração das reservas manganíferas, garantindo-lhes compensações de compra efetiva.

O Brasil pode, nesse caso, assumir uma posição relevante quanto aos seus meios de desenvolvimento da produção, desde que o governo norte-americano, juntamente com os dos países ocidentais interessados e o governo brasileiro continuem a agir no sentido de afastar as dificuldades de ordem legal e política, aliadas aos empecilhos físicos e naturais, que estão entravando as nossas relações comerciais.

QUADRO DEMONSTRATIVO DA EXPORTAÇÃO BRASILEIRA DE MINÉRIO DE MANGANÊS, EM 1956:

QUANTIDADE (t)	VALOR: Cr\$ 1.000
260.344	433.818

Comprador único: Estados Unidos.

Mica

Há grandes possibilidades de o Brasil se tornar uma importante fonte de exportação para a mica estratégica, não só para os Estados Unidos, mas também para a área européia e, talvez numa eventualidade, para a Ásia.

Temos ainda muitas jazidas não conhecidas, dependendo apenas de técnica e mão-de-obra especializada necessárias à produção de lâminas de mica (Splitting), de que os Estados Unidos e a Europa têm grande demanda. A obtenção da mica em bloco é de fácil manuseio e não requer gastos excessivos em maquinaria e transporte especializado em larga escala.

Embora a Argentina exporte quantidades apreciáveis, não nos parece provável uma superprodução que exceda às exigências do mercado mundial.

Se explorarmos convenientemente as nossas jazidas e aperfeiçoarmos os processos de laminação, teremos um mercado praticamente garantido.

Níquel

Ao contrário da exploração das jazidas de mica, o níquel requer grandes custos que não atraem investimentos, pelos preços excessivamente altos de uma produção regular.

O Brasil tem depósitos de níquel, mas suas jazidas, na maioria situadas em regiões de difícil acesso e desprovidas de facilidades de exploração e transporte, exigem recursos consideráveis na obtenção de uma série de requisitos básicos para um programa de produção em larga escala. Segundo estimativas, as jazidas brasileiras conteriam minério entre 1 e 5% de níquel, mas a obtenção não é econômica pelo menos nos dias atuais. Se, no futuro, conseguirmos atrair capitais mistos para uma empresa de exploração do níquel, garantiremos provável e quase certa posição no mercado internacional, como fonte de suprimento.

Atualmente os 80% de minério de níquel da produção mundial provêm do Canadá. Além desse país, Cuba possui a maior fonte potencial conhecida. Culcula-se em 3 bilhões de toneladas de minérios contendo 24 milhões de toneladas do metal.

No Brasil, segundo as informações de que dispomos, ainda não foram devidamente estimadas as reservas do seu minério. É possível que tenhamos jazidas bastante superiores às de Cuba e provavelmente às do Canadá.

Cristal de Rocha

O cristal de rocha tem grande aplicação na indústria ótica e na eletricidade. Entretanto, tem encontrado alguma resistência por parte dos compradores, em virtude de não apresentar um produto que satisfaça integralmente às especificações e exigências da indústria norte-americana e européia.

A impossibilidade de se praticar uma exploração adequada, já pelas dificuldades que acarretam as grandes distâncias entre a produção e os pontos

de embarque, além de difícil acesso aos veios montanhosos e falta de especialização na mão-de-obra, já pelas ausências de métodos modernos de trabalhar o cristal de rocha — tudo isso somado à falta de seleção —, afastam os compradores certos e outros eventuais.

Durante o período que antecedeu à entrada dos Estados Unidos da América na II Guerra Mundial, o Brasil abasteceu quase que integralmente o governo norte-americano, não só para estocagem, como também para atender às aplicações que o cristal teve no programa de guerra. Esse programa estendeu-se ao conflito coreano, mas, completado o estoque de emergência, as compras no Brasil caíram verticalmente.

Os Estados Unidos já possuem produtos sintéticos que poderão, numa possível emergência, substituir as importações brasileiras de cristal de rocha. Contudo, ainda não podem abandonar definitivamente o suprimento estrangeiro, pois as crescentes aplicações na sua indústria elétrica e na ótica indicam esse caminho.

Quanto ao nosso lado, é absolutamente necessário que procuremos estimular a produção do cristal em condições de alta qualidade, a fim de entrar em novas áreas do comércio exterior. A Alemanha Ocidental, a Holanda e os países do Báltico poderão, entre outros, constituir possíveis e quase certos compradores para o nosso excelente cristal de rocha.

Volframita

A nossa produção não é ainda substancialmente forte para encorajar a conquista de novos mercados. Segundo os mais recentes dados, exportamos para os Estados Unidos, em 1954, apenas 4.937 libras de Valfrâmio contido em minérios e concentrados. Esse número evidencia claramente a auto-suficiência da indústria norte-americana e, por outro lado, o estímulo governamental para aumentar a produção do minério doméstico.

A China, antes do advento comunista, era o maior país produtor de volframita e dominava praticamente todo o mercado mundial. Embora não tenhamos dados da sua situação atual, há boas razões para se esperar uma reação das minas chinesas para colocar o minério novamente no mercado mundial a preços competitivos e sob o estímulo da União Soviética. Além da China, os países produtores são a Tailândia, Coreia, Burma e Austrália. Na América do Sul, a Bolívia produz volframita, porém, em quantidades pequenas e dependentes da produção de estanho e antimônio.

As prospecções dos depósitos brasileiros, que provavelmente darão grandes estimativas, podem concorrer para aumentar o interesse do mercado mundial, principalmente da área européia, uma vez que o minério não existe em quantidades suficientes para atender ao consumo dessas mesmas áreas.



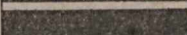








A recente descoberta da mina de Yellow Pine, nos Estados Unidos, trouxe àquela nação uma possível independência das importações brasileiras, mesmo que os nossos preços sejam realmente melhores do que os custos de exploração inicial. Nestas condições, estamos de mãos livres para procurar novos consumidores, caso o nosso consumo interno permita exportações substanciais com destino aos novos compradores.

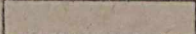



Quadro nº 1

POSIÇÃO DAS PRINCIPAIS NAÇÕES INDUSTRIAIS

RELATIVAMENTE A

MANGANÊS E FERRO

PAÍSES	MANGANÊS	FERRO
ALEMANHA		
CANADÁ		
ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA		
FRANÇA		
ITÁLIA		
JAPÃO		
REINO UNIDO		
SUÉCIA		
TCHECOSLOVÁQUIA		
U. BELGO-LUXEMBURGUESA		
RÚSSIA SOVIÉTICA		

	Dependência quase completa das fontes estrangeiras.
	Produção insuficiente.
	Pequena deficiência
	Auto-suficiência.

Fontes dos dados brutos:- "World Minerals and World Peace".
Washington - USA - 1943.

"Commodity Year Book" - New York-1951

3ª PARTE

PETRÓLEO

As idéias correntes não só no Brasil, como também nos Estados Unidos da América, de que estamos desperdiçando as nossas riquezas potenciais em petróleo, por não explorá-las em regime de economia mista, não podem e nem devem prevalecer em face das realizações atuais. Os anos que se seguiram à implantação da Petrobrás foram bastante significativos em volume produzido, autorizando-nos a refutar essas mesmas afirmações. Se enfrentamos dificuldades iniciais, se as importações de petróleo agiram drenando para o exterior os nossos recursos em dólares e se vencemos a incredulidade permanente dos próprios brasileiros e a indiferença intencional dos concorrentes estrangeiros — por que, então, deixar agora de avançar? Há certos fatos que nos irritam sobremaneira, quando estudamos os problemas inerentes ao desenvolvimento econômico do Brasil. E'-nos difícil acreditar que existam filhos dêste país que ainda combatam a Petrobrás, assacando contra ela as mais péfidas calúnias. Será que eles não sentem na alma e no coração aquela chama de patriotismo sadio pelas nossas realizações, pelas nossas mais caras conquistas? Sômente homens destituídos do mais elementar sentimento de Pátria podem agir dessa forma ignóbil.

Feito êsse desabafo, vamos tentar um rápido estudo da situação do nosso futuro, em face dos prováveis acontecimentos mundiais.

Temos necessidade imperiosa de entrar num terreno bastante árido, qual seja o da política internacional. Se o fazemos é por absoluto interesse em demonstrar os perigos que nos estão cercando e para indicar o melhor meio de sairmos dessa competição em tórno das nossas riquezas minerais.

Dividiremos êste estudo também em 3 partes distintas e que são:

1ª — As fontes atuais de petróleo no mundo

2ª — Os interesses em choque

3ª — O petróleo brasileiro no futuro mercado internacional.

Ao afirmarmos que o mundo tem fome cada vez maior de petróleo, estamos repetindo simplesmente uma verdade incontestável. Mas, se dissermos que êsse mesmo petróleo poderá provocar uma transformação política e econômica no mundo atual, muitos não endossarão o nosso pensamento. Entretanto, se os estudiosos procurarem as raízes e os motivos que nos levaram a essa conclusão, estamos certos de um possível acôrdo.

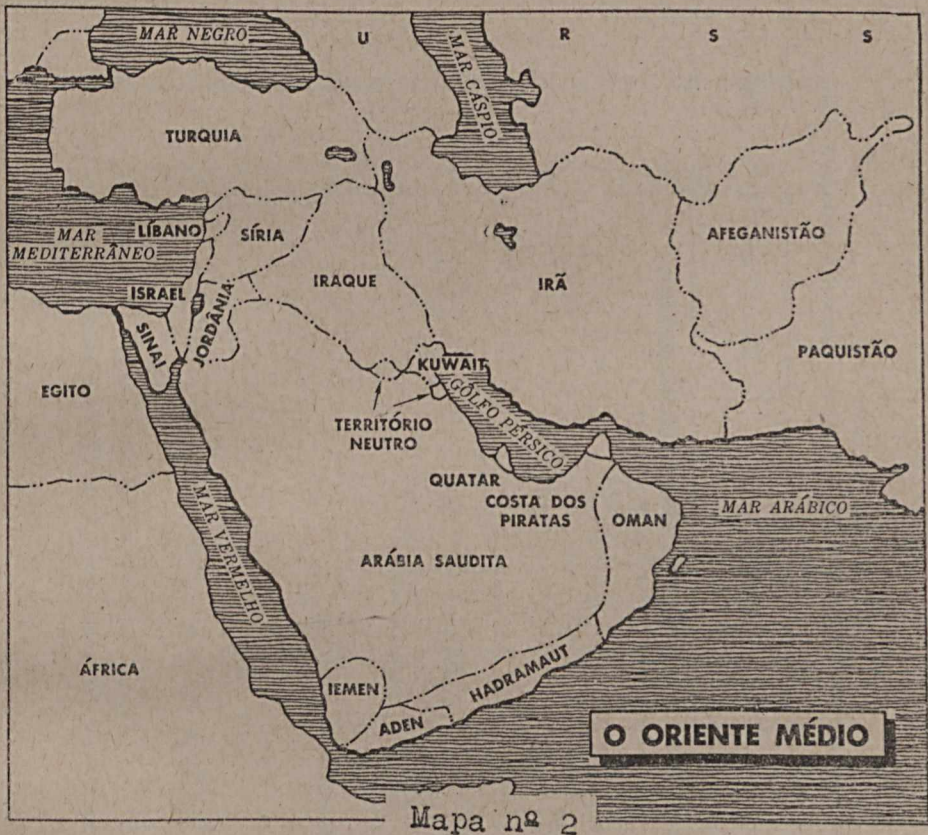
Assim, vejamos qual o panorama.

O mundo inteiro, sem excluir mesmo os mais distantes recantos, usa e depende do petróleo para suas necessidades vitais e econômicas. É claro que, num futuro não muito distante, a energia atômica poderá substituir grande parte dessa dependência. Mas, dentro de uns tantos anos é lícito considerar que o petróleo ainda será imprescindível a qualquer espécie de atividade, na qual entre a produção de artigos influentes na economia das nações. Tanto isso é verdade que, consultando os dados disponíveis, vamos encontrar um consumo extraordinário, no ano de 1956, nos seguintes países:

Estados Unidos da América: 3,23 bilhões de barris.

Europa, inclusive o Reino Unido (somente os países fora da Cortina de Ferro) 881,47 milhões de barris.

Para satisfazer a esse astronômico consumo, várias foram as fontes produtoras. Estudaremos o Oriente Médio (Mapa n.º 2), como a principal região de fornecimentos mais compensadores, quanto à facilidade apresentada na extração do óleo bruto. Desde 1908, com a primeira perfuração no Irã, o Oriente Médio assumiu uma posição importante no abastecimento do mundo e, em janeiro de 1958, suas reservas comprovadas de petróleo atingiram à



impressionante cifra de 64,1% das reservas do mundo inteiro. O quadro número 2 nos dá uma idéia dessa percentagem.

Mas a verdadeira era do petróleo surgiu em 1913, quando a marinha inglesa abandonou o uso do carvão em seus navios, utilizando o petróleo em larga escala. Dai, os interesses britânicos assumiram o controle da Anglo-Persian Oil Company, pela compra imediata de seus títulos. Isso ocorreu em 1914 e já tinham uma concessão de cerca de 1,3 milhões de

- Q U A D R O N.º 2 -

(PORCENTAGEM MUNDIAL TOTAL)

REGIÃO

ORIENTE MÉDIO
(64,1 por cento)

ORIENTE MÉDIO (64,1 por cento)				
KUWAIT	ARÁBIA SAUDITA	IRAQ	IRAQUE	OUTROS

HEMISFÉRIO OCIDENTAL
(21,9 por cento)

HEMISFÉRIO OCIDENTAL (21,9 por cento)	
ESTADOS UNIDOS	OUTROS
VEN- ZUE- LA	

EUROPA E ÁFRICA
(10,7 por cento)

EUROPA E ÁFRICA (10,7 por cento)	
RÚSSIA	OUTROS
+	

EXTREMO ORIENTE
(3,3 por cento)

EXTREMO ORIENTE (3,3 por cento)

+Inclusive regiões controladas pela URSS.



ESTIMATIVA DAS RESERVAS MUNDIAIS DE ÓLEO CRU

EM BILHÕES DE BARRIS

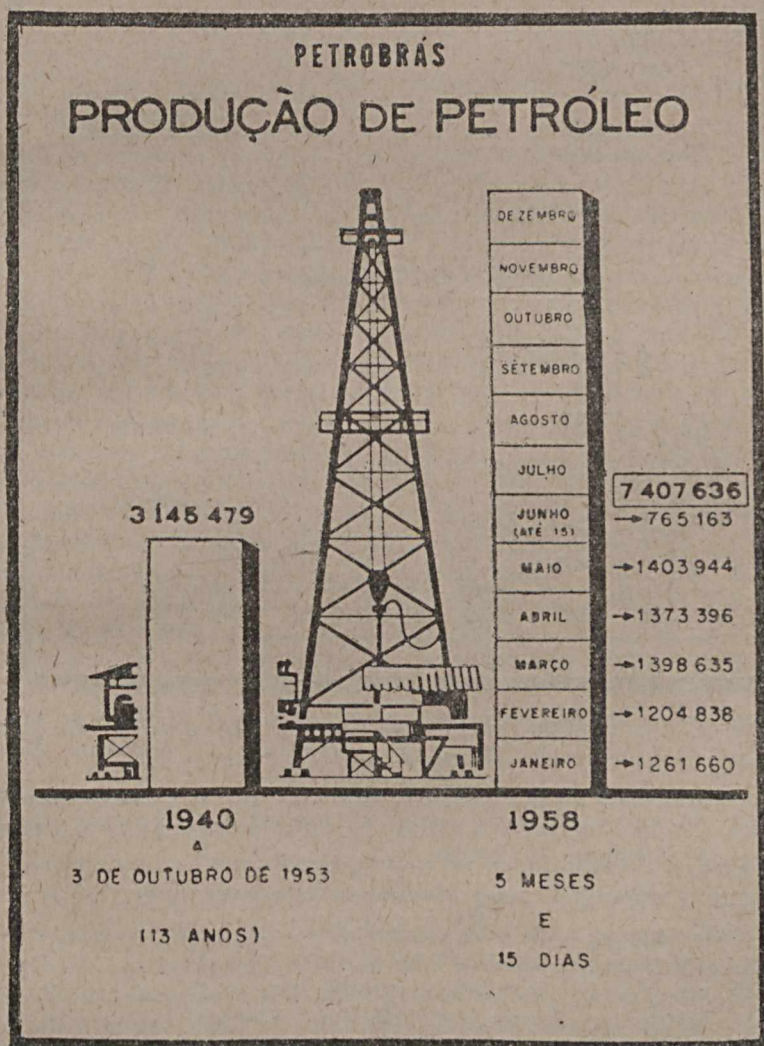
(1.º de Janeiro de 1958 - 264.466.500.000 Barris)

quilômetros quadrados para exploração do petróleo na Pérsia. Os totais produzidos nos períodos abaixo, foram:

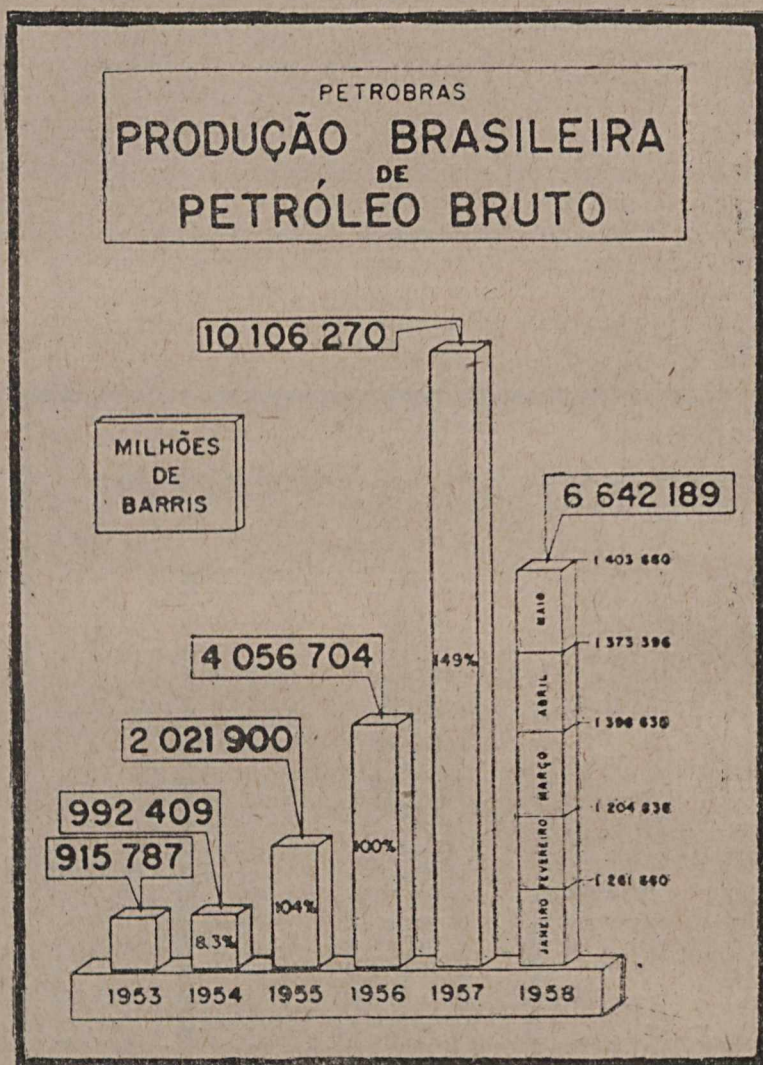
1919 — 1920	8,5 milhões de barris
1939 — 1940	202,84 milhões de barris
1949 — 1950	242,47 milhões de barris

Em seguida, outras regiões compreendendo o Iraque, Arábia Saudita, Kuwait e Bahrain iniciaram a procura intensiva do petróleo aparecendo o grande lençol de Kirkuk, que com seus 47 poços, produziu em 1956 a média de 520.000 barris por dia e até janeiro do corrente ano produziu 1,36 bilhões de barris. Kuwait, êsse diminuto sultanato incrustado no litoral

QUADRO Nº 3



QUADRO Nº 4



noroeste do Golfo Pérsico, enriqueceu-se da noite para o dia à custa do seu petróleo. Suas reservas alcançam a 60 bilhões de barris!

As estatísticas de janeiro de 1958 afirmam que as reservas comprovadas dos Estados Unidos da América eram de 33,0 bilhões e as do Oriente Médio totalizavam 169,5 bilhões de barris.

Vejamos o nosso potencial ainda não inteiramente conhecido:

O Brasil, com a Petrobrás trabalhando em ritmo constante, já pode entrar nas estatísticas mundiais, uma vez que, segundo o Conselho Nacional do Petróleo, as reservas estimadas, *atualmente*, se fixam em cerca de 420 milhões de barris no Recôncavo Baiano. Outros campos estão sendo trabalhados com afinco e tudo indica um aumento auspicioso na produção,

diante da caracterização de novas estruturas comprovadas, não só em S. Pedro no Recôncavo, como também na plataforma da Baía de Todos os Santos. Em Alagoas, o afloramento do poço de Jequiá e a existência de petróleo asfáltico do Tabuleiro dos Martins constituem indícios promissores de grandes reservas. Quanto à nossa produção de petróleo bruto, até janeiro de 1958, foi de 1.261.660 barris, atingindo a 7.407.636 em 15 de junho próximo findo (Quadros ns. 3 e 4).

Passemos, agora, a examinar o item 2.º do nosso estudo.

Não há a menor dúvida de que estamos assistindo a uma tremenda guerra fria, entre 2 mundos que se defrontam. Também no aspecto econômico já se delineiam os objetivos desses interesses em choque. Há pouco menos de um mês lemos nos jornais uma declaração que veio a furo um tanto fora de época, pois, não é nenhuma novidade o que nela se contém.

Dizia o «New York Times» (Estados Unidos), sobre a afirmação do dirigente soviético que a «Rússia desfechou uma grande ofensiva econômica contra o Ocidente a partir de 1955. Declaro-vos a guerra no terreno pacífico do comércio».

Eis aí as palavras bastante conhecidas mascarando uma intenção já muito explorada. As concessões feitas pela Rússia Soviética ao Egito, Síria, Índia, Birmânia e a tantos outros países considerados subdesenvolvidos e prováveis satélites da órbita soviética não têm outro objetivo que o de intensificar essa ofensiva econômica. Mas não foi só nessas áreas que os infatigáveis estrategistas russos envidaram seus esforços. Aqui mesmo, na América do Sul, souberam explorar a situação dos complexos problemas econômicos que nos afligem. Asseguram os economistas russos que os países sul-americanos sofrem de "liquidez internacional insuficiente", ou seja, escassez de disponibilidade para satisfação de seus compromissos econômicos com os países credores e financiadores. Em parte essa observação procede, pois, de fato, quase todas as nações ao sul do Rio Grande (para usar uma expressão muito em moda...) vivem em estado de insolvência para com os Estados Unidos da América. Por outro lado, essa declaração teve a virtude de alertar o povo e o governo norte-americanos, sobre os objetivos do Kremlin que, em última análise, atingirá também os interesses e a tradicional amizade existente entre as nações deste hemisfério. A prova de que o nosso estudo está certo é a recente hostilidade manifestada contra o vice-presidente NIXON que, excluindo o descontentamento gerado pelo descaso norte-americano aos anseios da América Latina, não deixa de ser uma operação da propaganda soviética.

Voltemos ao Oriente Médio para um exame das possibilidades da guerra econômica e seus reflexos no mundo livre.

A Rússia tem o máximo empenho na dominação do Oriente Médio, pelas seguintes razões de ordem econômica e estratégica:

a) Sabem os russos que a II Guerra Mundial demonstrou aos Estados Unidos que suas reservas petrolíferas não são inesgotáveis; esse fato alertou os norte-americanos que quase não puderam produzir o petróleo necessário para garantir a execução do seu programa doméstico e para sustentar a reconstrução do mundo livre nas bases propostas;

b) O controle do canal de Suez pelo Egito, já agora praticamente na órbita soviética, e a destruição das estações de bombeamento dos oleodutos de Kirkuk-Mediterrâneo, impedindo a passagem do petróleo por essas linhas, acarretará uma tremenda falta de petróleo na Europa, forçando os navios-tanques a uma grande e onerosa viagem contornando o Cabo da Boa Esperança;

c) A recente criação da República Árabe Unida, as perturbações políticas no Líbano, a perda do Iraque e outros conflitos locais de nítida inspiração comunista dificultarão o embarque de petróleo que era bombeado para os oleodutos, através da Síria, com destino aos portos do Mediterrâneo. O território iraqueano era o único meio de passagem para o petróleo do Golfo Pérsico até ao porto de Iskenderon, na Turquia; a construção de um oleoduto, desbordando a Síria, já projetado, será agora impedida pelo novo governo do Iraque também na órbita soviética. Se os russos forem bem sucedidos no Oriente Médio, como até agora, é bem provável que as Nações ainda não influenciadas se vejam a braços com sérios problemas de ordem interna;

d) A vulnerabilidade dos oleodutos para o Mediterrâneo será afetada, no caso de um conflito limitado no Oriente Médio. O mundo livre não poderá, portanto, contar com abastecimentos substanciais dos campos petrolíferos dessa região, porque a Rússia fará todos os esforços, por meio de sabotagem, a fim de debilitar e mesmo neutralizar os embarques através do Golfo Pérsico. Nunca se deve esquecer que os objetivos econômicos e as aspirações territoriais da União Soviética se fixam, desde 1940, ao Sul do seu território nacional e na direção do Oceano Índico; finalmente

e) Se os Estados Unidos forem envolvidos numa guerra geral, caberá a nós, Brasil e Venezuela e, ao norte, ao Canadá, todo o esforço para suprir os possíveis aliados, sem comprometer a própria segurança interna.

A terceira parte do nosso estudo procura situar o petróleo brasileiro em face dos itens que acabamos de examinar.

Ninguém pode negar os fatos e as intenções de uma guerra econômica que, a qualquer momento, poderá se transformar num tremendo conflito mundial.

E' nosso dever intensificar a produção nacional do petróleo o mais cedo possível; não devemos confiar na capacidade dos atuais produtores, pois, se eles falharem, como tudo indica, seremos chamados a fornecer o petróleo exigido para suplementar o consumo das áreas deficitárias. Está, pois, reservado ao Brasil um promissor mercado de petróleo, no futuro.

A Petrobrás deve ser apoiada ao máximo por todos os brasileiros, pois, só com o esforço concentrado e a determinação, estará a empresa com as suas refinarias atuais e futuras em condições de suportar uma demanda interna, bem como as consequências de uma mudança brusca no comércio internacional de petróleo.

É, pois, um imperativo de sobrevivência nacional, o apoio à obra grandiosa da Petrobrás, porque está demonstrando ao mundo que somos perfeitamente capazes de explorar as nossas riquezas petrolíferas e de defendê-las contra qualquer espécie de aventureiro, venha de onde vier.

A Petrobrás é o Brasil! E' a consciência nacional, êsse maravilhoso santuário, onde se estratifica a certeza da nossa emancipação econômica.

CONCLUSÕES E PERSPECTIVAS

Das pesquisas que acabamos de fazer, podemos extrair as seguintes conclusões e perspectivas:

O Brasil deve, *urgentemente*:

a) Reestruturar a sua economia pela solução dos problemas dos transportes e do sistema de mercado exportador; analisar detalhadamente o mercado internacional a fim de colocar a produção brasileira, sem prejudicar as crescentes exigências do consumo doméstico de produtos agrícolas e matérias-primas exigidas pela industrialização do país;

b) Modificar a composição das exportações não só para o nosso tradicional comprador, os Estados Unidos da América do Norte, como também para as novas áreas a conquistar na Europa e na Ásia; êsses mercados — devemos ter bem presente — exigirão provavelmente, em maior volume físico, qualidades e não quantidades de produtos brasileiros para seu consumo; tais produtos deverão estar em condições de enfrentar uma competição progressiva no mercado exterior e o conseguirá pela variedade, apresentação, qualidade uniforme e, finalmente, capacidade competitiva de preço.

c) Desenvolver ao máximo um sistema de propaganda dos produtos brasileiros, com amostras e incentivos, através de seus escritórios comerciais ou representações diplomáticas. Todos sabemos que mais vale uma eficiente apresentação visual dos nossos produtos do que extensa e volumosa literatura. É necessário abandonar a prolixidade e entrar na prática de um sistema rápido que dê aos futuros compradores a certeza de estarem adquirindo o melhor pelo melhor preço. Essa é uma forma de conquistar mercados e manter a personalidade dos produtos oferecidos.

PERSPECTIVAS

O Brasil não pode manter-se economicamente sólido, no futuro, se continuar na dependência única de suas exportações para um mercado limitado. Por isso torna-se imperioso desenvolver suficientemente os mercados externo e interno, a fim de estruturar a sua economia em bases estáveis. Conseguido êsse primeiro objetivo, equilibrada a situação cambial e solucionados os problemas decorrentes da política exterior, já nos será possível pensar no resgate de compromissos assumidos em moedas conversíveis e de conversibilidade limitada; a seguir, procurar produtos manufaturados inicialmente para os países periféricos em troca de matérias-primas e determinados bens de consumo que não tenhamos possibilidade de produzir; e finalmente, a procura de novas áreas para colocar o nosso principal produto, o café, e parte dos minérios previamente selecionados por cotas definidas numa certa ordem de solicitações dêsses países.

Esse modo de proceder encontra justificativa no fato de que os nossos produtos irão sofrer uma diminuição, talvez bastante acentuada, no mercado

norte-americano, pois os Estados Unidos se tornarão competidores, progressiva e gradativamente, dos produtos brasileiros e, mais ainda, da América Latina. Excetuando-se alguns poucos minerais estratégicos, para fins de estocagem e suplementação da indústria, a tendência é para baixar a participação dos nossos produtos naquele mercado. Se verificarmos detidamente as estatísticas e as informações das Nações Unidas, veremos que, de 1935 inclusive, a 1939, 4 anos antes da II Guerra Mundial, as exportações brasileiras para os Estados Unidos atingiam ao total surpreendente de 90%! No entanto, passada a fase crucial do conflito, essas exportações caíram para 67% entre 1945 e 1949. A causa é muito fácil de ser pesquisada porque resultou da entrada de vários produtos norte-americanos no mercado, a preços competitivos, e oriundos dos excedentes acumulados durante a guerra. Apenas ficamos com o café, alguns produtos agrícolas, minério de ferro e de manganês e poucos minerais estratégicos. Essa situação tem continuado e a certeza de que iremos encontrar a competição norte-americana nos mercados mundiais, para alguns produtos que figuram na lista das nossas exportações, nos conduz a programar com muito cuidado um sistema de mercados dentro e fora do continente.

O exame das perspectivas que acabamos de fazer encontra apoio na publicação norte-americana que tem por título «Competitive Position of United States Farm Products Abroad — 1958» do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos. Não temos, pois, a intenção de criticar ou desmerecer o comércio exportador daquele grande país amigo. Estamos analisando êsse trabalho com a mesma isenção de ânimo que norteou o estudo aqui terminado.

Não podíamos encerrar estas linhas sem uma observação importante que deve interessar aos norte-americanos e a nós brasileiros, em face dos perigos que estão rondando a América Latina e o nosso hemisfério. Seria cansativo repetir aqui explicações de fatos que todos nós sabemos e conhecemos muito bem. Limitamo-nos, portanto, ao exame de acontecimentos ultimamente desenrolados no mundo e dêles tirar proveitosos ensinamentos.

Sabem os norte-americanos — e também os russos — que os países da América Latina, e muito especialmente o Brasil, são considerados subdesenvolvidos e necessitam de uma ajuda substancial para explorar as suas riquezas potenciais. Assim como nas sociedades e nas famílias, as nações do mundo precisam de cooperação internacional, respeitadas as soberanias nacionais, sem interferência de uma nos negócios internos da outra. Uma ditadura econômica, com a conseqüente abdicação das autonomias nacionais, só poderá conduzir a uma alteração considerável no rumo dos processos de mercado; gera então o nacionalismo econômico que tem raízes profundas na integração nacional e não pode ser detida por nenhuma força estranha. É o que estamos vendo nos conturbados dias de hoje, em todos os países que procuram estabilidade e segurança através de uma política internacionalista, sem afetar a sua liberdade e independência. (É claro que estamos raciocinando com os países não dominados pela força, os quais, também, tornam válidos êstes conceitos).

Onde deverá estar o ponto de equilíbrio ideal para que todos os povos gozem dêsse direito inalienável? Segundo a análise econômica, o método seria

imprimir movimentos internacionais de capitais, isto é, interessá-los nas áreas econômicas de rendimento máximo, o que vale dizer, movê-los dos países onde é superabundante para onde há escassez. E esses movimentos de capitais terão sua garantia nos acordos bilaterais e multilaterais entre países soberanos e independentes como é norma do comércio internacional. Esta deveria ser a orientação das Nações Unidas no campo econômico, já que sua autoridade abrange, indiscutivelmente, o campo político. Alimentamos a esperança de que uma coordenação das políticas econômicas dos países membros, sob a égide das Nações Unidas, teria as melhores acolhidas entre os povos que buscam estabilidade e reciprocidade no comércio internacional.

Feito este reparo, voltemos à nossa tese.

Os Estados Unidos da América sabem, ainda, que precisam abandonar a política de «good paternship» e adotar a de «good neighborhood»; deverão manter conosco uma política de cooperação econômica mais construtiva através do Banco de Exportação e Importação e do Banco Internacional. É preciso que eles percam o medo do risco nos investimentos do seu capital, porque nós temos capacidade e coragem para torná-los produtivos.

Se estudassem conosco as vantagens do nosso crescimento demográfico, as peculiaridades da nossa economia e as extraordinárias potencialidades das nossas riquezas naturais inexploradas, veriam que não somos apenas um eterno celeiro de matérias-primas. E' muito justo que tivessem eles seus receios, no passado, quando a instabilidade política e econômica desencorajava investimentos. Hoje, não mais se justifica esse proceder. O Brasil já despertou e anseia por encontrar o seu verdadeiro lugar ao conceito das nações do mundo. Se estamos procurando resolver as nossas dificuldades internas com o auxílio do «irmão do norte do Rio Grande» é porque repudiamos veementemente a sereia vermelha e os seus cantos maravilhosos. A segurança do hemisfério e das nações americanas não repousa unicamente no poderio militar e econômico dos Estados Unidos, mas sim na força que resultar da maior compreensão e aproximação dos nossos povos. O Brasil pode aspirar a liderança na América do Sul, porque tem qualidades para isso. Mas não devemos esquecer a maravilhosa lição deixada ao mundo pelo maior homem que a nossa geração conheceu: FRANKLIN DELANO ROOSEVELT. Disse ele, com rara felicidade, perfeita visão do futuro e notável compreensão dos ideais pan-americanos: «Todos nós já conhecemos as alegrias da *independência*: é tempo de descobrirmos as virtudes da *interdependência*». Só estas palavras bastam para despertar os povos americanos e uni-los dentro dos princípios da justiça, igualdade e fraternidade que farão forte econômica e politicamente o Hemisfério Ocidental.

OBSERVAÇÃO FINAL

Acabávamos de escrever este trabalho, quando foi anunciada a formação de um Banco Interamericano destinado a proporcionar meios financeiros para o desenvolvimento econômico das repúblicas americanas.

Essa decisão, que vem de encontro às antigas e justíssimas aspirações da América Latina, fortalecerá extraordinariamente as relações dos Estados Unidos com as repúblicas do Hemisfério e é o resultado prático da inspiradora

atuação do governo brasileiro que, num momento feliz, colocou as cartas na mesa.

A visita do Secretário de Estado norte-americano ao Brasil, atendendo à proposta formulada pelo nosso Presidente, demonstrou claramente a intenção de uma radical mudança na tradicional oposição dos financiadores daquele país em criar novos estabelecimentos de crédito para a América Latina.

A Operação Pan-Americana, que nasceu do oportuno desejo brasileiro de trazer novamente as repúblicas irmãs sul-americanas ao seu ambicionado lugar no conjunto mundial, é, hoje, uma realidade incontestável. Ao Brasil, pela sua coragem e inspiração, devem caber tôdas as responsabilidades na tarefa de executar a doutrina formulada e unânimemente aceita pelos povos do nosso Hemisfério. Em contrapartida, cabem-lhe também as glórias por ter fixado o problema em termos de igualdade continental e cooperação econômica, justamente quando o rico irmão do Norte estava se esquecendo da "interdependência" que deve solidificar a estrutura e os alicerces do futuro comum às nossas Pátrias e às Américas.

O Brasil deve ter a satisfação íntima de constatar que, finalmente, o seu papel de «irmão desempregado, com habilitações extraordinárias», está assumindo agora um novo aspecto: sua voz já se tornou uma força que foi ouvida, compreendida e encontrou eco no generoso coração do povo norte-americano.

A Declaração de Brasília — que passou à história como documento básico de uma nova orientação para os povos americanos —, trouxe-nos a certeza inabalável de haver o Brasil encontrado o seu verdadeiro destino entre as nações do Universo!

BIBLIOGRAFIA

- “Projeções do Desenvolvimento da Economia Brasileira 1953-1962” — Rio, 1954.
B.N.D.E. e Publicações das Nações Unidas — 1956.
Anuário Estatístico do Brasil — 1956 e 1957.
Relatório do Banco do Brasil S.A. — 1956.
Serviço de Estatística da Produção e Serviço de Estatística Econômica e Financeira do Ministério da Fazenda.
Estimativas do Departamento Econômico do B.N.D.E.
Introdução à Análise Econômica — PAUL A. SAMUELSON
Revista do Conselho Nacional de Economia.
Exposição Geral da Situação Econômica do Brasil — 1956.
Programa de Metas, tomos I, II e III — 1958.
Conferência de Investimentos em Belo Horizonte — 1958.
Outras fontes citadas no texto.